

FORMOSO:

um lago encantado

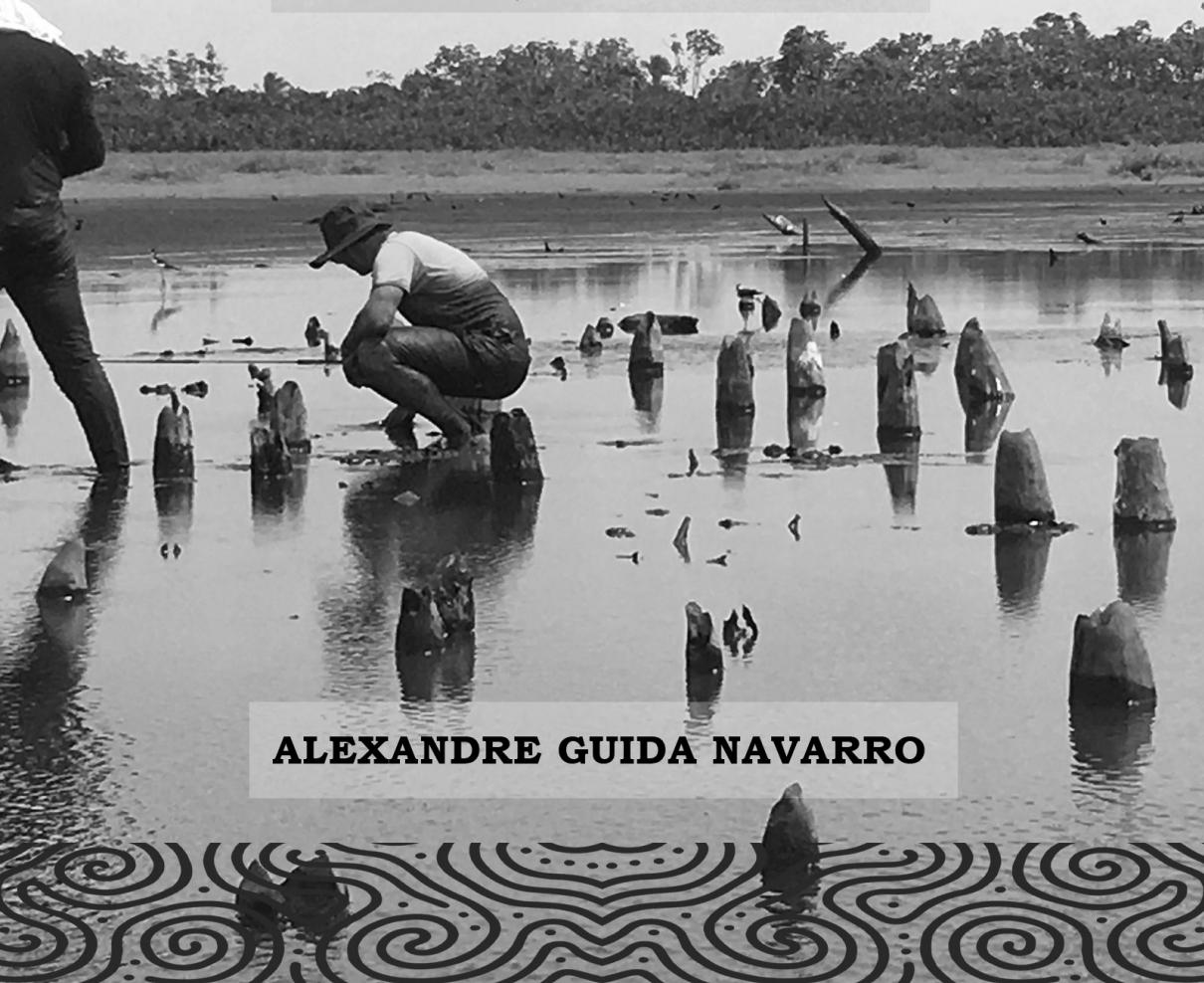
Arqueologia das estearias do
Maranhão, Amazônia Oriental

ALEXANDRE GUIDA NAVARRO

FORMOSO:

um lago encantado

Arqueologia das estearias do
Maranhão, Amazônia Oriental



ALEXANDRE GUIDA NAVARRO

Editora chefeProf^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira**Editora executiva**

Natalia Oliveira Scheffer

Assistente editorial

Flávia Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Nataly Evilin Gayde

Thamires Camili Gayde

Vilmar Linhares de Lara Junior

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Yago Raphael Massuqueto Rocha

2025 by Atena Editora

Copyright © 2025 Atena Editora

Copyright do texto © 2025, o autor

Copyright da edição © 2025, Atena

Editora

Os direitos desta edição foram cedidos

à Atena Editora pelo autor.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

A Atena Editora mantém um compromisso firme com a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, assegurando que os padrões éticos e acadêmicos sejam rigorosamente cumpridos. Adota políticas para prevenir e combater práticas como plágio, manipulação ou falsificação de dados e resultados, bem como quaisquer interferências indevidas de interesses financeiros ou institucionais. Qualquer suspeita de má conduta científica é tratada com máxima seriedade e será investigada de acordo com os mais elevados padrões de rigor acadêmico, transparência e ética.

O conteúdo da obra e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade, são de responsabilidade exclusiva do autor, não representando necessariamente a posição oficial da Atena Editora. O download, compartilhamento, adaptação e reutilização desta obra são permitidos para quaisquer fins, desde que seja atribuída a devida autoria e referência à editora, conforme os termos da Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

Os trabalhos nacionais foram submetidos à avaliação cega por pares, realizada pelos membros do Conselho Editorial da editora, enquanto os internacionais passaram por avaliação de pareceristas externos. Todos foram aprovados para publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Formoso: um lago encantado. Arqueologia das estearias do Maranhão, Amazônia Oriental

Autor: Alexandre Guida Navarro
Revisão: O autor
Diagramação: Thamires Camili Gayde
Capa: Yago Raphael Massuqueto Rocha
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
N322	Navarro, Alexandre Guida Formoso: um lago encantado. Arqueologia das estearias do Maranhão, Amazônia Oriental / Alexandre Guida Navarro. - Ponta Grossa - PR: Atena, 2025. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-3333-0 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.33020251606 1. Amazônia. I. Navarro, Alexandre Guida. II. Título. CDD 918.11
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

DECLARAÇÃO DO AUTOR

Para fins desta declaração, o termo 'autor' é utilizado de forma neutra, sem distinção de gênero ou número, salvo indicação em contrário. Da mesma forma, o termo 'obra' refere-se a qualquer versão ou formato da criação literária, incluindo, mas não se limitando a artigos, e-books, conteúdos on-line, acesso aberto, impressos e comercializados, independentemente do número de títulos ou volumes. O autor desta obra declara, para todos os fins, que: 1. Não possui qualquer interesse comercial que constitua conflito de interesses em relação à publicação; 2. Participou ativamente da elaboração da obra; 3. O conteúdo está isento de dados e/ou resultados fraudulentos, todas as fontes de financiamento foram devidamente informadas e dados e interpretações de outras pesquisas foram corretamente citados e referenciados; 4. Autoriza integralmente a edição e publicação, abrangendo os registros legais, produção visual e gráfica, bem como o lançamento e a divulgação, conforme os critérios da Atena Editora; 5. Declara ciência de que a publicação será em acesso aberto, podendo ser compartilhada, armazenada e disponibilizada em repositórios digitais, conforme os termos da Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). 6. Assume total responsabilidade pelo conteúdo da obra, incluindo originalidade, veracidade das informações, opiniões expressas e eventuais implicações legais decorrentes da publicação.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação está licenciada sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0), que permite copiar, distribuir, exibir, executar, adaptar e criar obras derivadas para quaisquer fins, inclusive comerciais, desde que sejam atribuídos os devidos créditos ao(s) autor(es) e à editora. Esta licença substitui a lógica de cessão exclusiva de direitos autorais prevista na Lei 9610/98, aplicando-se os princípios do acesso aberto; 2. Os autores mantêm integralmente seus direitos autorais e são incentivados a divulgar a obra em repositórios institucionais e plataformas digitais, sempre com a devida atribuição de autoria e referência à editora, em conformidade com os termos da CC BY 4.0.; 3. A editora reserva-se o direito de disponibilizar a publicação em seu site, aplicativo e demais plataformas, bem como de comercializar exemplares impressos ou digitais, quando aplicável. Em casos de comercialização direta (por meio de livrarias, distribuidores ou plataformas parceiras), o repasse dos direitos autorais será realizado conforme as condições estabelecidas em contrato específico entre as partes; 4. Em conformidade com a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), a editora não cede, comercializa ou autoriza o uso de dados pessoais dos autores para finalidades que não tenham relação direta com a divulgação desta obra e seu processo editorial.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

- Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia
Prof^a Dr^a Aline Alves Ribeiro – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Daniel Richard Sant'Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^a Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof. Dr. Joachin de Melo Azevedo Sobrinho Neto – Universidade de Pernambuco
Prof. Dr. João Paulo Roberti Junior – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof^a Dr^a Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
Prof. Dr. Julio Cândido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^a Dr^a Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof^a Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Federal da Bahia
Universidade de Coimbra
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

pilares apodrecidos da Cidade do Lago podiam ser vistos ao longo das margens quando as águas baixavam na seca.

J. R. R. Tolkien, O Hobbit

APRESENTAÇÃO

As estearias são sítios arqueológicos únicos no contexto da arqueologia da América do Sul. Seu nome é derivado dos pilares ou palafitas, ou seja, esteios propriamente ditos, que sustentavam as aldeias construídas dentro de lagos e rios da região estuarina da Baixada Maranhense, com a finalidade de evitar o contato com as águas.

Estes sítios arqueológicos estão localizados em três bacias hidrográficas: a do Turiaçu, ao norte da Baixada, no município de Santa Helena, onde estão as estearias da Boca do Rio, Cabeludo, Armíndio e Caboclo; a do Pericumã, mais na porção central da Baixada, no município cidade de Pinheiro, onde está a estearia do Encantado; e a do Pindaré-Mearim, mais ao sul, no município de Penalva, onde se localizam as estearias da Cacaria, Trizidela, Capivari e a do Formoso.

Este livro trata de uma das mais importantes estearias localizada no município de Penalva, Baixada Maranhense, na Amazônia oriental: a estearia do Formoso, situada no lago homônimo. As pesquisas que começaram em 2018 debruçaram-se sobre o mapeamento da estearia e a coleta de material cerâmico e lítico, e levaram a classificar o Formoso como parte da Tradição Inciso-Ponteada.

Tanto o lago quanto a estearia vêm sofrendo drasticamente com a ação humana predatória, que consiste basicamente nas queimadas da vegetação nativa para agricultura e pastagens de gado, e principalmente e mais importante, a retirada de suas águas por fazendeiros locais para a construção de açudes artificiais.

É necessário que todos preservem este importante patrimônio maranhense.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Profa. Dra. Anna C. Roosevelt, da University of Illinois Chicago, pelo incentivo em escrever este artigo e pelo acesso a sua biblioteca. Agradeço ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) pela autorização e renovações da coleta arqueológica através do processo 01494.000442/2013-37. À Fullbright Commission pela bolsa concedida na modalidade Visiting Professor Award na University of Illinois at Chicago. Às instituições onde pesquisei: Smithsonian Institution (Washington), Penn Museum (Filadélfia) e American Museum of Natural History (Nova York). À Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Estado do Maranhão (FAPEMA, Edital Universal Processo 06209/22). Ao CNPq pela bolsa de produtividade (Processo 303620/2021-8). Aos seguintes pesquisadores com os quais realizamos uma cooperação científica FAPEMA/FAPESP: Prof. Dr. Jorge Luís Porsani, Prof. Dr. Luiz Antonio Pereira de Souza, Prof. Dr. Leonardo Gonçalves de Lima, Prof. Ms. Antonio Carlos de Siqueira Neto, Prof. Dr. Rodrigo Corrêa Rangel, Marcelo Cesar Stangari, Igor Fittipaldi. À Mayara Rocha pela confecção dos desenhos, ao Prof. Dr. Jorge Parga pela elaboração do mapa do Formoso em estação total e à Karla Bianca da S. Oliveira pela confecção e ajustes deste mapa. Ao Professor Francisco Oliveira, colaborador do projeto na cidade de Penalva e toda a comunidade local e de pescadores, além dos estagiários do LARQ/UFMA, que ajudaram no mapeamento do sítio do Formoso. Um agradecimento especial a Helder Bello de Mello, museólogo que organizou a coleção do Formoso no LARQ/UFMA.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 - O QUE SÃO AS ESTEARIAS?	3
CAPÍTULO 2 - A ESTEARIA DO FORMOSO	8
CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA PARA A ANÁLISE DO MATERIAL ARQUEOLÓGICO	18
CAPÍTULO 4 - ANÁLISE ESPACIAL, ICONOGRÁFICO E ARTEFATUAL DA ESTEARIA DO FORMOSO.....	25
CAPÍTULO 5 - QUEM FORAM OS HABITANTES DA ESTEARIA DO FORMOSO?	38
CONCLUSÃO	46
REFERÊNCIAS	48
SOBRE O AUTOR	55

INTRODUÇÃO

Este livro trata de uma das mais importantes estearias (moradias indígenas pré-coloniais construídas de palafitas), localizada no município de Penalva, Baixada Maranhense, na Amazônia oriental: a estearia do Formoso, situada no lago homônimo.

O lago do Formoso está imbuído de complexas narrativas que envolvem a presença de espíritos Encantados e de peixes-elétricos chamados de poraquês, os guardiões de suas águas, e a estearia nela construída foi descoberta recentemente por moradores locais.

Suas ilhas flutuantes, que ainda se locomovem de um lado a outro do lago, pululam na imaginação popular sobre seus mistérios, fato este explorado em matéria para o Fantástico no ano de 1990. Na matéria televisiva, o Professor de Biologia Francisco Silva de Oliveira, morador da cidade de Penalva, explicava que a matéria orgânica formada por material decomposto de plantas se amontoavam e formavam uma massa de raízes que velejavam lago adentro. Rica em nutrientes, uma biota diversificada se desenvolvia nestas ilhas habitadas por insetos, aracnídeos, mamíferos, répteis e juçaras.

À esta época o lago do Formoso era realmente formoso. O desmatamento ainda não era acentuado e a mata ciliar protegia suas águas, num ambiente que possibilitava um equilíbrio natural do ecossistema aquático e que permitia a variabilidade da vida de peixes e dos animais de terra que vinham beber suas águas doces. As queimadas, que hoje persistem ao passo largo, vêm destruindo o lago do Formoso sistematicamente e colocando em risco um rico patrimônio arqueológico nacional, pois estearias somente existem no Maranhão, até onde sabemos.

Tanto o lago quanto a estearia vêm sofrendo drasticamente com a ação humana predatória, que consiste basicamente nas queimadas da vegetação nativa para agricultura e pastagens de gado, e principalmente e mais importante, a retirada de suas águas por fazendeiros locais para a construção de açudes artificiais.

Ademais, hoje a comunidade de pescadores que vive às margens do lago reclama da baixa piscosidade do Formoso e da grande seca que afeta suas águas nos meses da estiagem, cuja lámina d'água baixa drasticamente fazendo com que parte do lago vire um lamaçal, impedindo a pesca, atividade da qual vive essas pessoas. Águas ricas em pintado ou surubim (*Pseudoplatystoma corruscans*), estes peixes ficam somente na memória e no paladar de quem outrora os viu e consumiu: estes peixes despareceram do lago.

Todas essas ações predatórias humanas associadas ao aquecimento global estão provocando a morte do lago do Formoso e da estearia que nela existe. Há que se lembrar que os agentes da destruição do patrimônio arqueológico incorrem em crime de acordo com a Lei Federal nº 3.924/1961, que dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos e todos os elementos que neles se encontram, com o intuito de proteger os sítios arqueológicos em um contexto de exploração e aproveitamento econômico.

A primeira campanha arqueológica que o Laboratório de Arqueologia (LARQ/UFMA) realizou na estearia do Formoso ocorreu no ano de 2018. Desde o primeiro trabalho de campo deparamos com um material arqueológico excepcional que revela a vida indígena pré-colonial na Baixada Maranhense no ano 1000 d.C. momento em que a pequena cidade que estava localizada dentro do lago chegou ao auge.

Ainda sabemos pouco sobre a estearia do Formoso, mas esse pouco forma um universo incomparável de conhecimento sobre os povos originários que viveram no Maranhão antes da invasão europeia.

Tampouco sabemos qual a etnia a que estes povos pertenciam, nem de onde vieram e o que aconteceu para que abandonassem o lago. Seus artefatos lembram ora os Marajoara ora os Tapajônico ou cultura de Santarém. Por outro lado, sabemos parte de sua história, os seus gostos, os rituais e suas crenças, a forma como moravam e até que observavam os astros.

Convidamos vocês a nos acompanhar nessa ainda pequena, mas formosa história dos povos originários da estearia do Formoso há mais de mil anos.

O QUE SÃO AS ESTEARIAS?

As estearias são sítios arqueológicos únicos no contexto da arqueologia da América do Sul. Seu nome é derivado dos pilares ou palafitas, *ou seja, esteios* propriamente ditos, que sustentavam as aldeias construídas dentro de lagos e rios da região estuarina da Baixada Maranhense, com a finalidade de evitar o contato com as águas (NAVARRO, 2016; 2017, 2018A, 2018B; NAVARRO *et al.* 2017, 2021a).

Estes sítios arqueológicos estão localizados em três bacias hidrográficas: a do Turiaçu, ao norte da Baixada, no município de Santa Helena, onde estão as estearias da Boca do Rio, Cabeludo, Armíndio e Caboclo; a do Pericumã, mais na porção central da Baixada, no município cidade de Pinheiro, onde está a estearia do Encantado; e a do Pindaré-Mearim, mais ao sul, no município de Penalva, onde se localizam as estearias da Cacaria, Trizidela, Capivari e a do Formoso (**Figura 1**).

Casas sobre palafitas são construídas até hoje na várzea amazônica. Relatos orais com os moradores da região e a consulta da literatura de viajantes e cronistas do século XVII e XVIII ratificam a importância destes locais de moradia como uma história de longa duração, cuja estratégia é a de facilitar a captura de peixes, a principal fonte de alimentação dos ribeirinhos (D'ABBEVILLE, [1614] 2008; D'ÉVREUX, [1615] 2008; DANIEL, 2004[1774-1776]) (**Figuras 2 e 3**).

Raimundo Lopes (1924, 1970) tornou estes sítios arqueológicos mundialmente conhecidos, a partir da divulgação de uma cultura regional inédita no Brasil pré-colonial, já chamando a atenção para uma rede complexa de contato com povos do baixo Amazonas, em especial Santarém e Marajó. Os muiraquitãs encontrados nestes sítios pelo geógrafo maranhense, e que se perderam devido ao trágico incêndio de 2018 do Museu Nacional/RJ, evidenciam estas esferas de interação. Um exemplar coletado na estearia da Boca do Rio em 2014 ratifica estas redes de intercâmbio cultural entre a Baixada Maranhense e o baixo Amazonas, e possivelmente o Caribe (NAVARRO *et al.* 2017) (**Figura 4**).

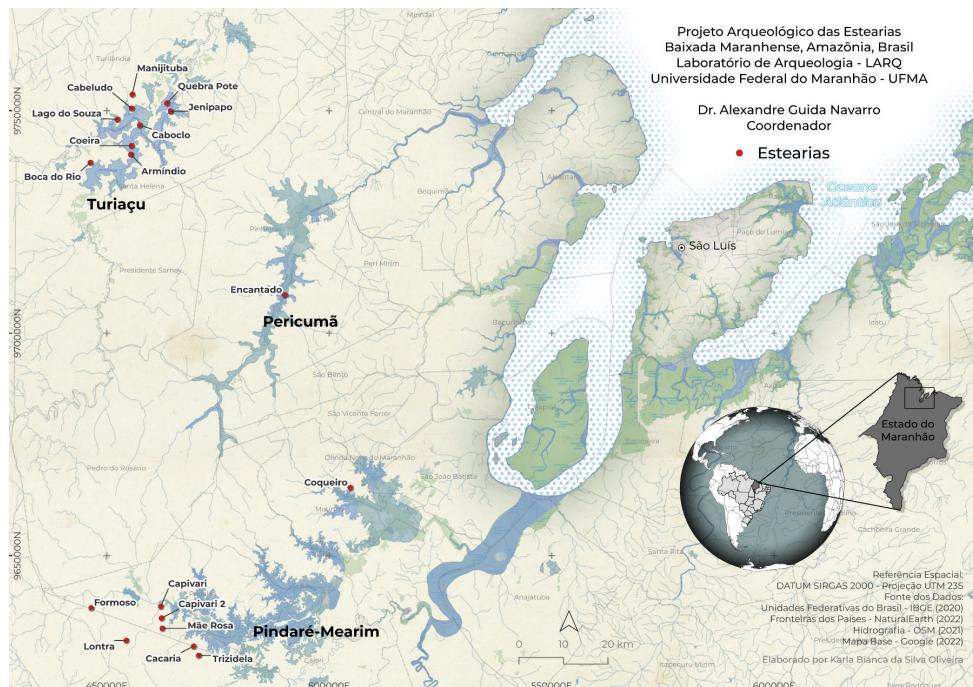


Figura 1. Distribuição das estearias conhecidas na Baixada Maranhense. Fonte: Acervo LARQ/UFMA.



Figura 2. Estearia do Coqueiro na época da estiagem. Fonte: Acervo LARQ/UFMA.



Figura 3. Uma moradia sobre palafitas na atualidade. Fonte: Navarro et al. 2019. Fotografia de Herberth Figueiredo.



Figura 4. Muiraquitãs encontrados nas estearias: à esquerda, coletado pelo LARQ na estearia da Boca do Rio; à direita, coletado por Raimundo Lopes na Cacaria de Penalva. Fonte: Acervo LARQ/UFMA e Museu Nacional RJ.

Com relação à cronologia, as datações radiocarbônicas indicam que a maioria das aldeias foi construída entre 800 e 1100 AD, correspondendo, assim, ao período tardio da ocupação pré-colonial amazônica (NAVARRO 2018a, 2018b). No entanto, existem sítios que pertencem ao Formativo, sendo datada entre o ano 1 e 200 AD (NAVARRO e ROOSEVELT, 2021b), a exemplo da estearia do Lago do Souza. Há, também, uma datação em esteio de quase 7 mil anos na estearia do Encantado, no município de Pinheiro (**Tabela 1**).

Nome do sítio	Datação convencional	Data calibrada (2 sigma)	Data calendário (2 sigma)	Número Laboratório BETA
Estarias do Turiaçu				
Armíndio	930+-30 BP	905-865 BP	1045 -1085 AD	404757
Boca do Rio	1150+-30 BP	1065-995 BP	885-995 AD	406836
Caboclo	1120+-30 BP	1055-1015BP	895-935 AD	406835
Cabeludo	1160+-30BP	1065-960 BP	885-990 AD	430864
	1200+-30 BP	1112-968 BP	838-982 AD	458479
	1020+-30 BP	934-998 BP	1016-1152 AD	492361
	1050+- 30 BP	963-899 BP	987-1051 AD	458480
	1130+-30 BP	1058-932 BP	892-1018 AD	515391
	930+-30 BP	844-730 BP	1106-1220 AD	515390
Jenipapo	1210+-30 BP	1175-1130 BP	775-820 AD	406834
Lago do Souza	1950+-30 BP	1926-1785 BP	24-165 AD	492358
	1820+-30 BP	1785-1775 BP	165-175 AD	430862
	1990+-30 BP	1938-1830 BP	12-120 AD	515392
Estarias do Pericumã				
Encantado	1230+-30 BP	1180-1050 BP	770-900 AD	406837
	1220+-30 BP	1180-1045 BP	770-905 AD	492359
Estarias do Pindaré-Mearim				
Coqueiro	1720+-30 BP	1700-1655 BP	250-295 AD	430863
Trizidela	1140+-30 BP	1060-936 BP	890-1014 AD	512412
Lontra	1150+-30 BP	1065-954 BP	885-996 AD	512411
	1180+-30 BP	1093-959 BP	857-991 AD	512407
Capivari	1280+-30 BP	1189-1069 BP	761-881 AD	512410
Formoso	1300 +/- 30 BP	1270 -1088 BP	680 - 862 AD	576496
	1330 +/- 30 BP	1292 - 1172 BP	658 - 778 AD	576497
	1300 +/- 30 BP	1270 -1088 BP	680 - 862 AD	576498
	1190 +/- 30 BP	1094 - 962 BP	856 - 988 AD	576499
	1210 +/- 30 BP	1118 - 978BP	832 - 972 AD	576500
	1190+-30 BP	1094-962 BP	856-988 AD	512409
	1130+-30 BP	1058-932 BP	892-1018 AD	512408

Tabela 1. Datações radicarbônicas das estarias

O avanço no estudo das estarias concentra-se, principalmente, no formato das aldeias mapeadas (NAVARRO 2018a). Estas, em geral, eram formadas por malocas residenciais conectadas por pontes a um espaço principal, maior, ou seja, uma praça, constituindo uma grande aldeia linear.

O material arqueológico está distribuído de forma hierárquica dentro do sítio, sendo que a concentração de artefatos com pintura polícroma, estatuetas e muiraquitãs ocorrem destacadamente no espaço de maior concentração de esteios, possivelmente uma praça.

Este é o padrão, por exemplo, do sítio Cabeludo, que possui mil e cem esteios. Dentro de um contexto etnológico, estas aldeias lembram aquelas lineares encontradas ao longo do rio Amazonas pelos viajantes como Carvajal (PORRO 1993, 2017). No contexto arqueológico, lembram as aldeias marajoaras escavadas por Roosevelt (1991) (**Figura 5**).

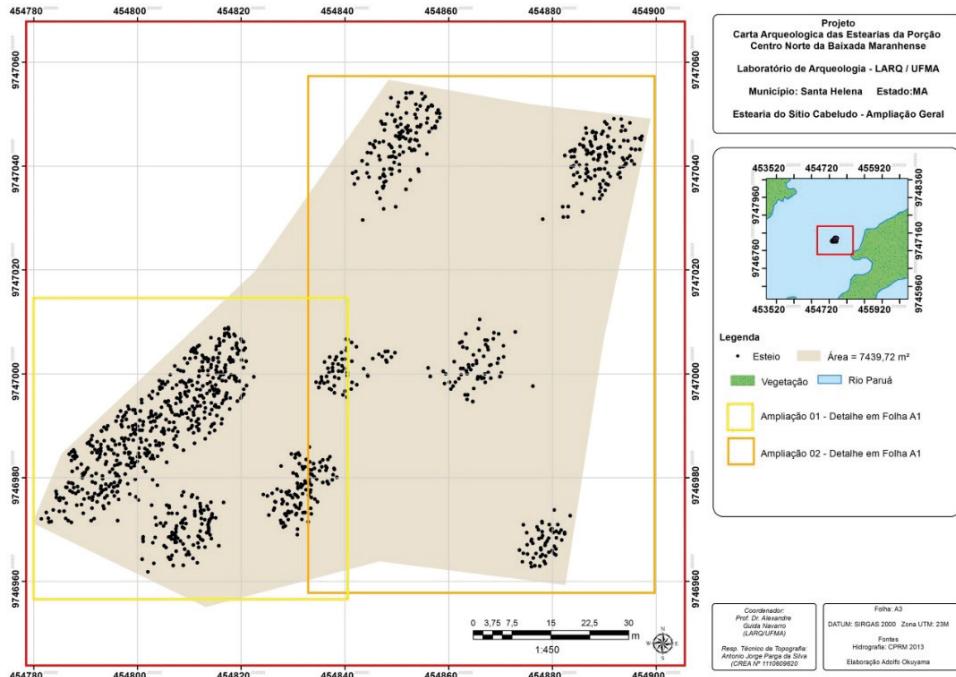


Figura 5. Mapa da estearia do Cabeludo. Nota-se uma grande aldeia com um núcleo de maior concentração de esteios (possivelmente uma praça) na extremidade sudoeste do conjunto formado por núcleos menores de esteios (possivelmente residências). Fonte: Acervo LARQ/UFMA.

A ESTEARIA DO FORMOSO

O sítio arqueológico do Formoso está situado a 30 quilômetros da sede do município de Penalva, na região da Baixada Maranhense, dentro da Amazônia Legal. A estearia localiza-se sob as coordenadas 23M 0457079 UTM 9640305 e está localizada no lago homônimo (**Figura 6**). As suas águas são alimentadas pelo rio Pindaré, cuja bacia hidrográfica abrange uma área de 40.000 km². Este rio possui 720 km de extensão, nasce na Serra do Gurupi e deságua no Golfão Maranhense (COSTA *et al.* 2011).



Figura 6. O lago do Formoso com destaque para a estearia homônima. Fonte: Acervo LARQ/UFMA.

A Baixada Maranhense está dentro de uma Área de Proteção Ambiental (APA), sendo compreendida por trinta e cinco municípios, dentro de área que equivale a quase 20 mil km² (FARIAS FILHO, 2019). Caracteriza-se por um regime pluvial rígido marcado por chuvas no primeiro semestre do ano, e pela estiagem, no segundo; um claro ambiente de várzea amazônica (FRANCO, 2012). Por conta de sua formação geológica recente do Quaternário, constituída por um sistema paleorregional de costa com depósitos fluviomarininhos, a Baixada Maranhense configura um rosário de águas formado por bacias hidrográficas e lagos que se formam durante a cessão das chuvas (AB'SABER, 2006). Esta é a maior concentração de lagos o Nordeste (**Figura 7**).



Figura 7. A estearia do Formoso na forte seca de 2023. Fonte Acervo LARQ/UFMA.

A Baixada é considerada um sítio RAMSAR desde 1971, tratado assinado na cidade iraniana homônima, pois, por causa de sua paisagem úmida, proporciona as condições ideais para a migração de muitas espécies de aves de vários continentes que se reproduzem neste rico ecossistema aquático. Como parte da Área de Endemismo de Belém, uma região fisiográfica entre os rios Pindaré e Tocantins, com uma extensão de 243.000 km², a Baixada Maranhense se caracteriza por uma diversa e rica fauna, em que se destacam peixes, mamíferos, anfíbios, répteis e aves (MARTINS e OLIVEIRA, 2011; NAVARRO e SILVA JÚNIOR, 2019). Sobressaem, também, várias espécies manejadas pelo ser humano, sobretudo as palmeiras, como o buriti (*Mauritia excelsa L.*), o açaí (*Euterpe oleracea Mart.*) e o babaçu (*Attalea speciosa*) (Figura 8).



Figura 8. O autor do livro em meio aos esteios no trabalho de campo de 2022. Fonte: Acervo LARQ/UFMA.

Os povoados da região são formados por populações tradicionais, pescadores, indígenas e remanescentes de quilombos e possuem uma rica expressão cultural caracterizada pelo bumba-meу-boi.

Contrastando com este rico contexto cultural, a Baixada Maranhense vem sendo ameaçada pela ineficácia da gestão pública, poluição dos recursos hídricos e ameaças ecológica com o crescimento da criação de búfalos e o do plantio de arroz, além da caça predatória de alguns animais como a jaçanã (*Jacana jacana*), a onça-pintada (*Panthera onca*) e peixe-boi (*Trichechus manatus*) (MARTINS e OLIVEIRA, 2011; FARIA FILHO, 2019). Além disso, o assoreamento dos lagos por conta do desmatamento da mata ciliar, pela ação de fazendeiros que utilizam suas águas para a construção de açudes, é uma grave ameaça para a manutenção do equilíbrio ecológico destes sistemas hídricos.

É importante ressaltar, também, que o lago do Formoso povoava um complexo cenário folclórico na população local, sendo povoado pelos *Encantados*, seres sobrenaturais, como os peixes-elétricos chamados na Amazônia de poraquê (*Electrophorus electricus*), que seriam os guardiões do lago (ARAÚJO *et al.* 2015) (**Figura 9**).



Figura 9. O autor do livro após coletar um vaso de cerâmico com gargalo de tipo jarro na estearia do Formoso. Fonte: Acervo LARQ/UFMA.

O mapeamento da estearia do Formoso baseou-se na mesma metodologia já utilizada nas estearias da bacia do Turiaçu, consistindo na delimitação dos esteios através de canoas com a marcação manual dos mesmos (NAVARRO, 2018a; 2018b). Após a colocação dos marcadores, em geral piquetes de palmeiras, estes ficam expostos sobre a lâmina de água, sendo possível mapear o sítio a partir da estação total pelo topógrafo. A vantagem desta metodologia foi a possibilidade de realizar ao mesmo tempo a coleta de superfície de material arqueológico como vasilhames cerâmicos, líticos e até mesmo artefatos de madeira, como cabos de machado (**Figuras 10, 11 e 12**).



Figura 10. Mapeamento da estearia do Formoso utilizando piquetes de madeira georreferenciados com estação total. Fonte: Acervo LARQ-UFMA.

O sítio arqueológico do Formoso possui 3218 esteios distribuídos em um conjunto orientado na direção leste-oeste e distribuídos em uma área de 2 hectares. A aldeia tem cerca de 300 metros de comprimento, sendo que na parte circular seu diâmetro alcança os 100 metros, enquanto que na linear alcançam os 140 metros. O assentamento está formado por 14 conjuntos de esteios. A porção ocidental da aldeia possui 8 conjuntos de esteios que variam de 10 a 17 metros. Esses conjuntos formam um espaço circular com destaque para o núcleo, *i.e.* uma praça, nitidamente o maior deles (**o de número 14 segundo mapa da Figura 13**), que mede 40 metros de diâmetro.



Figura 11. Fragmentado de vasilhame bícromo (preto sobre engobo creme) coletado in loco. Fonte: Acervo LARQ/UFMA.



Figura 12. Machado com lâmina polida. Ainda preserva a resina para prender a lâmina ao cabo. Fonte: Acervo LARQ/UFMA.

A distância entre os conjuntos varia de 13 a 28 metros. Esta porção circular da aldeia apresenta, também, na direção norte uma abertura em forma de ferradura, de aproximadamente 44 metros de comprimento. Estes conjuntos de esteios não estão conectados entre si, no entanto, alguns deles, como o conjunto 5 e 7, parecem se conectar ao conjunto nuclear desta porção da aldeia. O núcleo 5, por sua vez, está ligado ao conjunto 1 onde se inicia a aldeia linear por pontos de esteios formando ao que parece a uma ponte unindo estes dois espaços.

Já o setor oriental da aldeia apresenta 6 conjuntos lineares de esteios (números 1 a 6) que variam de 4 a 50 metros, portanto, menos padronizado espacialmente falando com relação a sua parte oposta, circular. Com relação à largura destes espaços, eles também são mais desiguais que na porção circular, variando de 4 a 28 metros. Assim como no setor circular, que tende a se fechar, mas que possui uma abertura na direção norte; o conjunto oriental também tende a se fechar, formando uma *praça* retangular, com uma abertura no sentido oposto à da parte central, ou seja, em direção sul (**Figuras 13 e 14**).

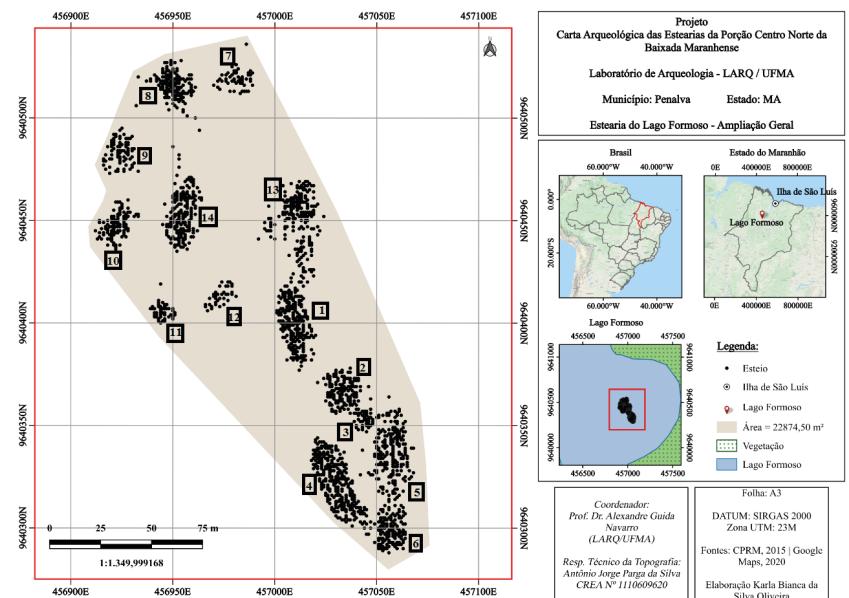


Figura 13. Mapeamento do sítio do Formoso, com quase 4 mil esteios. Fonte: Acervo LARQ/UFMA.



Figura 14. O sítio do Formoso fotografado por um drone. Note-se, no centro da imagem, uma das canoas utilizada pela equipe. Fonte: Acervo LARQ/UFMA.

O estudo espacial do Formoso levou também à constatação de que a estearia está orientada para a constelação das Plêiades (DAVIS e NAVARRO, 2023) (**Figuras 15 e 16**). Por exemplo, Claude d'Abbeville (1941:90–91), um franciscano capuchinho que esteve em São Luís de 1611 a 1614, registrou padrões de estrelas que incluíam descrições de constelações que os indígenas imaginavam, incluindo a mandíbula de uma anta (a parte das Híades de Touro), um velho e um menino em uma canoa (Betelgeuse, Bellatrix e espaços escuros perto de Órion), abelhas em um ninho (as Plêiades) e alguns pássaros e peixes brancos e vermelhos (alguns dos quais eram possivelmente planetas).

Notavelmente, o relato de d'Abbeville identifica as Plêiades como o marcador para o “Ano Novo” dos Tupinambás (d'Abbeville 1614) — seu divisor das estações seca e chuvosa, quando eles preparavam suas colheitas e consertavam suas estruturas de casas para os longos meses chuvosos. Desse modo, as Plêiades são de importância especial, pois seu surgimento no leste marca o advento da estação chuvosa. É como se fosse um calendário regulando o momento adequado para começar as plantações agrícolas.



Figura 15. A constelação das Plêiades chamada também de constelação das 7 irmãs por conta de suas estrelas aglomeradas visíveis a olho nu. A estearia do Formoso possui sua forma. Fonte: Wikipedia.

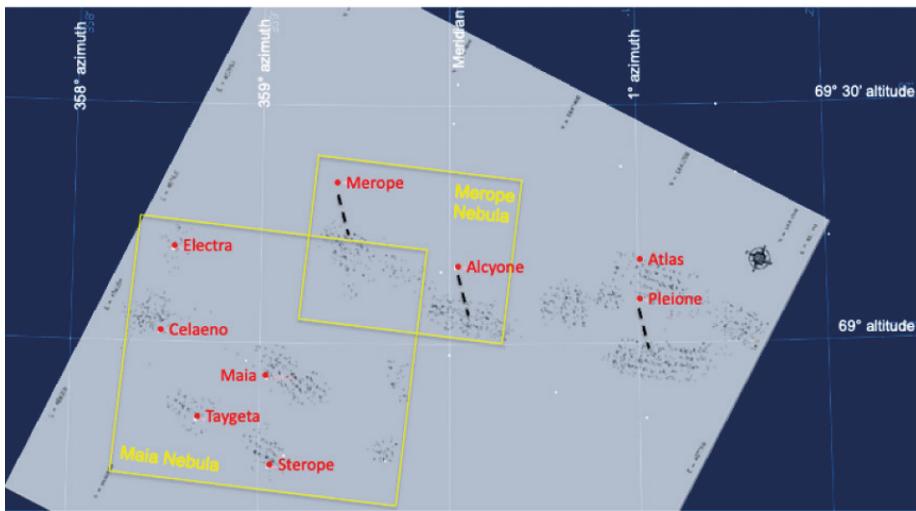


Figura 16. A estearia do Formoso sobreposta na constelação das Plêiades. Fonte: Acervo LARQ/UFMA.

Para uma sociedade que vivia em grande parte da pesca, era necessário que os moradores de palafitas se preparam para a longa estação chuvosa, renovando seu ciclo de plantio e reformando construções durante os níveis baixos de água. Aldeias de palafitas na maioria dos contextos em todo o mundo dependem da previsão precisa de períodos de águas baixas x altas, elevando não apenas suas estruturas, mas também elevando a importância de manter o controle dos ciclos sazonais, ecológicos e de trabalho.

Como o aparecimento das Plêiades no céu acontece perto de sua transição das estações seca para as chuvosas na região da Baixada Maranhense, a estearia “materializou” as Plêiades, ritualizando os aglomerados de estrelas como um “calendário mnemônico”, com a função de prever a renovação anual da estação chuvosa amazônica, certamente um espaço ritual-comunitário para sediar festivais recorrentes durante as chuvas amazônicas torrenciais.

Os recentes estudos sobre GPR e SONAR realizados em cooperação científica com a Universidade de São Paulo (USP) e UFOPA no Formoso vêm corroborando a possibilidade de a estearia do Formoso ser muito maior que supúnhamos (SIQUEIRA et al 2024) (**Figura 17**).

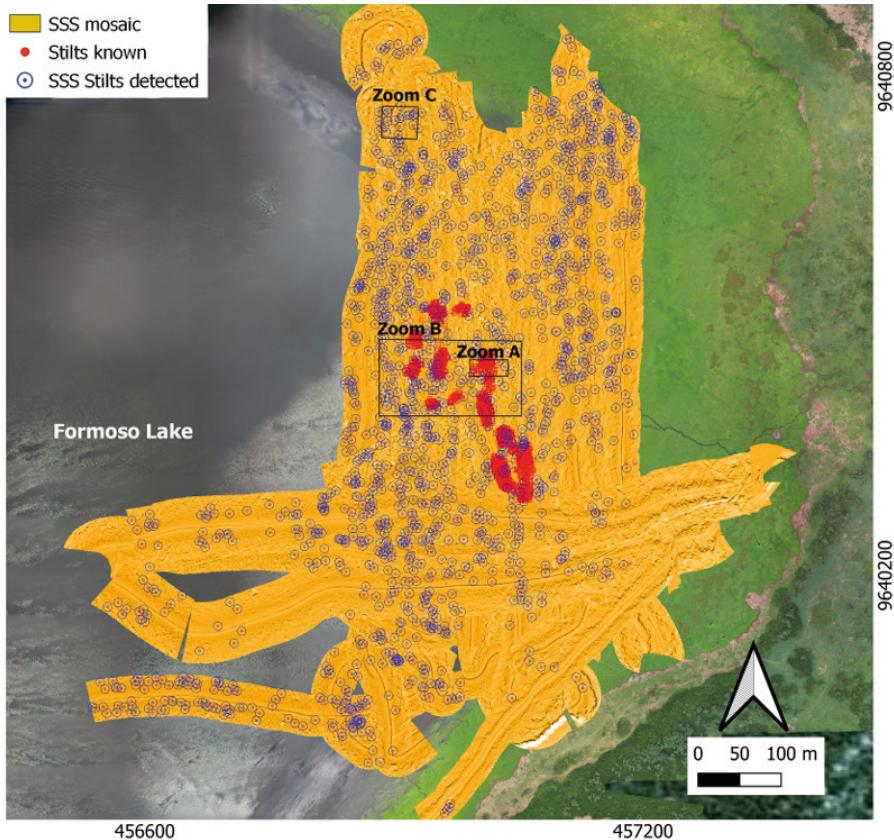


Figura 17. Cada ponto azul mapeado é um esteio no fundo do lago do Formoso, mostrando que a estearia é muito maior que supúnhamos. Fonte: Acervo LARQ/UFMA/USP/UFOPA.

Por fim, há que considerar o grave e iminente perigo que a estearia do Formoso sofre. É muito provável que em um curto período de tempo o lago desapareça, pesem as queimadas que vêm destruindo tanto a mata ciliar do lago, quando do seu entorno (**Figura 18**).



Figura 18. Desmatamento de babaçuais e queimada do solo para plantio e pastagem de gado no entorno da estearia do Formoso. Fonte: Acervo LARQ/UFMA.

Ademais, tanto o lago do Formoso quanto os seus moradores, estes em geral pescadores, vêm sofrendo drasticamente com o desmatamento da vegetação nativa, sobretudo o coco babaçu, com as pastagens de gado, e principalmente, e mais importante, a retirada de suas águas por fazendeiros locais para a construção de açudes artificiais.

Essa situação alarmante coloca em risco, também, todo o tesouro arqueológico que jaz sob as águas do Formoso: os vestígios bem preservados de uma civilização que viveu no meio do lago há mais de 1000 anos. O risco da perda um rico patrimônio arqueológico nacional, que evidencia como nossos povos originários ou ameríndios pré-colombianos, viviam no Brasil antes da invasão europeia. Se as autoridades governamentais não se mobilizarem, a estearia do Formoso desaparecerá, e com ela todo o legado cultural de um povo que somente agora estamos conseguindo desvendar. Estearias somente existem no Maranhão, até onde sabemos.

Todas essas ações predatórias humanas e que estão destruindo a estearia do Formoso incorrem em crime de acordo com a Lei Federal nº 3.924/1961, que dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos e todos os elementos que neles se encontram, com o intuito de proteger os sítios arqueológicos em um contexto de exploração e aproveitamento econômico.

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA PARA A ANÁLISE DO MATERIAL ARQUEOLÓGICO

Neste capítulo apresentamos a metodologia para analisar os artefatos coletados pelo LARQ/UFMA em várias campanhas de campo. Quanto à a análise cerâmica do material arqueológico do Formoso foi realizada com base na classificação dos atributos tecnológicos, como bordas e lábios, conforme Shepard (1956) e Arnold (1985). Para a reconstituição do vasilhame, bem como para reconhecer a variabilidade das formas que indicam suas diferentes funções, como armazenamento, transferência de líquidos e cocção, utilizaram-se as análises modais de Rice (1987) e Raymond (1995) (**Figura 19**).

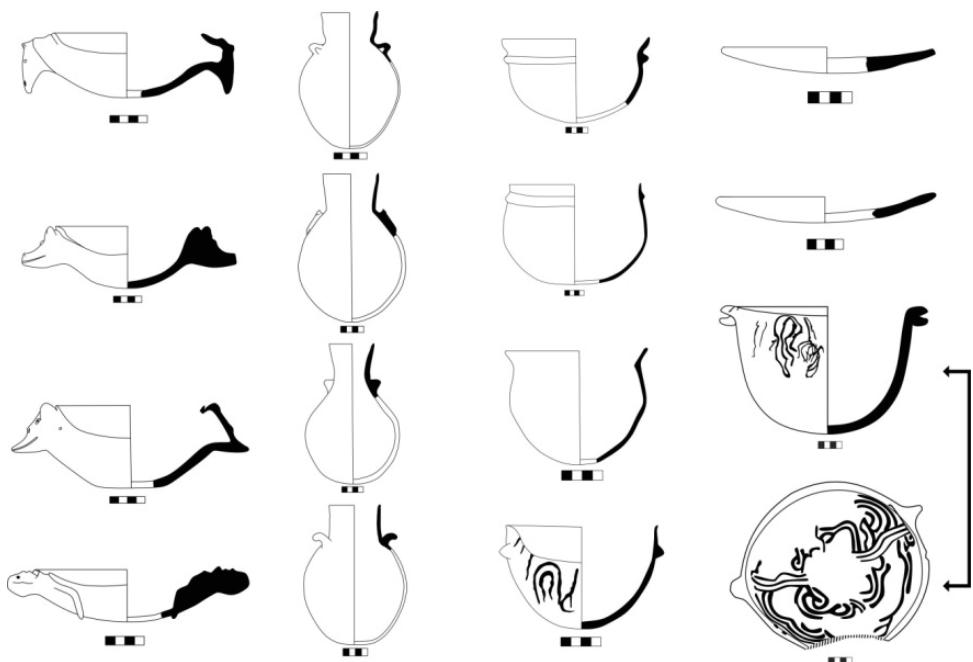


Figura 19. Principais formas cerâmicas da estearia do Formoso. Coluna 1 apresenta formas de calota, coluna 2 formas esféricas com pescoço e gargalo, coluna 3 as formas de meia-esfera e as duas primeiras peças da coluna 4, formas rasas. Desenho Mayara Rocha. Fonte: Acervo LARQ/UFMA.

Os antiplásticos que aparecem nos vasilhames da estearia do Formoso são o cauksi, minerais diversos e o caco moído, sendo este último o predominante. Em um dos conjuntos cerâmicos aparece um uso abundante de mica, ausente nos demais (**Figuras 20a, b**). O típico apêndice mamiforme, característico das estearias, está amplamente representado na coleção (**Figura 20c**). As bordas predominantes são as diretas e extrovetidas, sendo os lábios arredondados e planos os mais comuns. Chama a atenção a quantidade expressiva de bordas cambadas (**Figura 20d**).

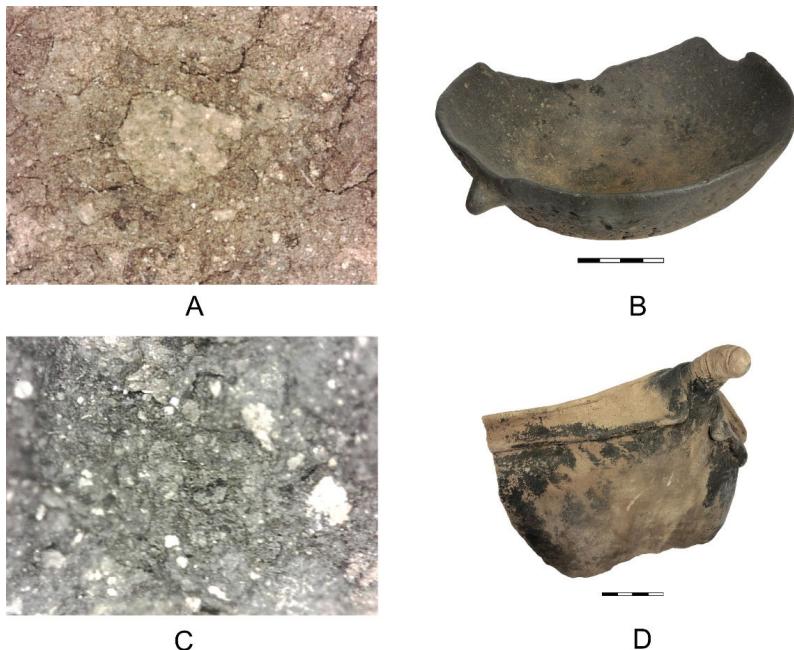


Figura 20. Antiplásticos, apêndice mamiforme e borda cambada da estearia do Formoso. Fonte: Acervo LARQ/UFMA.

No que diz respeito aos grafismos dos vasos cerâmicos é necessário apresentar o panorama teórico em que diferentes interpretações são possíveis. Em 2015, o arqueólogo Julian Thomas publicou um importante artigo em que questionava o que o futuro reservava para a arqueologia. Segundo o pesquisador, a ciência arqueológica caminhava para mudanças ontológicas radicais assim como aquelas que ocorreram em três décadas na Nova Arqueologia e na Arqueologia Pós-Processual. A conclusão era que o estudo da materialidade “estava agora completamente engajado nos debates filosóficos das humanidades” (THOMAS, 2015: 1287).

Chamadas de novas materialidades, estas arqueologias seriam uma extensão do movimento pós-processual que criticou o funcionalismo ecológico da Nova Arqueologia a favor de uma interpretação do passado foca na materialidade como evidências de negociações de poder, em que estudos sobre gênero e classes sociais estavam no bojo das discussões sobre o artefato (WITMORE, 2014; THOMAS, 2015; GOMES, 2019).

Concebidos como “símbolos materiais” (HODDER, 1982) os artefatos eram lidos até então como textos e o ser humano ocupava uma posição central enquanto agente social. As novas materialidades desprestigiam o antropocentrismo e rejeitam a supremacia do ser humano em detrimento de outros seres, como os animais e os espirituais (RAE, 2013). Nesse sentido, os animais, considerados até então como meros símbolos, passam a ser agentes de suas próprias ações sociais, construtores de suas próprias histórias; assim como seres inanimados começam a ser dotados de agência (OVERTON e HAMILAKIS, 2013; THOMAS, 2015).

O próprio Hodder (2012) incrementou suas teorias e desenvolveu argumentos a favor de que as coisas estão enredadas (*entangled*), no sentido de que os seres humanos cada vez mais dependem das suas criações materiais, fazendo com que haja uma relação de simbiose entre todos os componentes envolvidos, *i.e.* pessoas e objetos, atuando socialmente uns com os outros.

Desse modo, Thomas (2015) e Alberti (2013) lembram que os antropólogos atribuíam às diferentes interpretações das culturas um único mundo material, quando as novas ontologias propostas veem uma diversidade de mundos, ora tangíveis pelos seres humanos, ora não, e povoados por seres não-humanos. O mundo é, portanto, heterogêneo, formado por humanos, não-humanos e diversas outras entidades (GELL, 2018; LATOUR, 2005). Esse novo posicionamento teórico leva, portanto, a pensar em mundos em que não existe somente a consciência humana, como argumentou Niemoczynski (2013).

Na Antropologia, há um retorno ao estudo da cultura material, entendida a partir de uma abordagem não-representacional em que os artefatos não são mais vistos como identidade de uma sociedade, mas sim como reflexo de um mundo com um significado próprio, muitas vezes intangível para o estudioso, como bem salientou Gomes (2016, 2019). Assim, o artefato não representa, ele é. É nesse sentido que a arte ameríndia pode ser compreendida, ou seja, a materialidade não é somente a evidência de um conjunto de símbolos que implicam em significado como preconizou a antropologia interpretativa de Geertz (1973), mas sim o próprio significado.

Quanto à Arqueologia, a materialidade continua sendo o arcabouço do arqueólogo, e não há um desinteresse pelas pessoas como pontuou Olsen (2012), mas sim um enfoque de um ser humano “humilde” e mais companheiro das outras espécies que também povoam o mundo.

Independentemente da orientação teórica, os estudos sobre arte ameríndia na América do Sul privilegiaram a cosmologia, esta entendida como o “conjunto completo de ideias sobre a natureza e a composição do mundo ou do universo de qualquer sistema cultural” (WEISS, 1975: 219). Os mais profícios trabalhos foram redigidos durante a década de 1970, como é o caso, por exemplo, do famoso estudo de Weiss (1975) intitulado *The World of a Forest Tribe in South America* em que o autor demonstra a unidade cultural dos povos indígenas Cam pa, no Peru.

Reichel-Dolmatoff (1978), por sua vez, em seu clássico estudo *El Chamán y el jaguar. Estudio de la drogas narcóticas entre los indios de Colombia*, propõe que as visões provocadas pelas plantas alucinógenas entre os povos Tukano levam às percepções subjetivas chamadas de fosfenos e que estas experiências são semelhantes a todos os índios, revelando vivências do mundo onírico associadas à arquétipos mitológicos, como o Mestre dos animais, a primeira dança da humanidade e o mito da cobra-canoa.

Já Hugh-Jones (1979) chama a atenção para que os cantos entonados pelos xamãs fazem alusão à diversas cosmologias de criação, como a do próprio rio Amazonas como uma anaconda. No final da década de 1970 é publicado um trabalho icônico na Antropologia das terras baixas da América do Sul referente ao corpo indígena. Seeger et al. (1979: 2) consideram a corporalidade uma linguagem simbólica em que “a noção de pessoa e uma consideração do lugar do corpo humano na visão que as sociedades indígenas fazem de si mesmas são caminhos básicos para uma compreensão adequada da organização social e cosmologias dessas sociedades”.

Nesse sentido, as identidades sociais, assim como as diversas manifestações culturais das sociedades indígenas, como os mitos, cerimônias, ancestralidade e a arte são construídas sobre os seus corpos. Os corpos são instáveis, transformacionais, agenciados, por isso são fabricados. O corpo nesse contexto é constituído como uma diversidade tangível da vida material e imaterial em que o corpo físico “não é a totalidade de corpo; nem o corpo a totalidade da pessoa” (SEEEGER et al. 1979:11). O corpo é, portanto, o local da vivência social.

No início da década de 1990, trabalhos focando as cosmologias indígenas a partir de uma concepção estética começa a se delinear na Antropologia brasileira, como é o caso do icônico livro *Grafismo Indígena*, organizado por Lux Vidal em 1992. A autora introduzia o tema ao refletir que a obra se tratava “da primeira tentativa de uma etnografia séria, ainda que não-exaustiva, de uma iconografia sul-americana, muito rica e diversificada” (VIDAL, 1992: 14). Analisando a pintura corporal dos Kayapó, esta antropóloga pensava a arte como “um sistema de comunicação visual rigidamente estruturado, capaz de simbolizar eventos, processos, status e dotado de estreita relação com outros meios de comunicação, verbais e não-verbais (VIDAL, 1992: 144).

Estava em voga na Antropologia desse período a arte como linguagem e sistema de comunicação; como fica latente no trabalho de Berta Ribeiro que via a arte dos Tukano como um “sistema de representação, verdadeira linguagem visual, em sua feição estética e cognitiva” (RIBEIRO, 1992: 51). A herança de Geertz (1973) e seus sistemas simbólicos podem ser percebidos no trabalho de Van Velthem entre os Wayana cuja arte é entendida como um elemento social, “um rito de passagem simbólico...[que] reforça o status social” em que o motivo decorativo “simboliza a unidade e a diversidade de sua cultura” (VAN VELTHEM, 1992: 64).

Regina Müller também concebe a arte como uma linguagem visual ao estudar a ornamentação corporal xavante, cujo uso dos enfeites “obedece a regras precisas de um sistema de comunicação visual” (MÜLLER, 1992: 133). Durante o mesmo período em que a Antropologia focava nos sistemas visuais de comunicação, na Arqueologia, os estudos sobre a Arte eram incipientes e de pouca expressão.

Nesse momento repercutia a discussão sobre os cacicados amazônicos introduzida pela arqueóloga estadunidense Anna Roosevelt (1991). A iconografia Marajoara foi interpretada por esta pesquisadora como uma “arte estatal”, ou seja, como metáfora de um sistema político a serviço das elites que governavam os diferentes cacicados que se estabeleceram na várzea da ilha de Marajó. Essa discussão não foi assimilada pelos antropólogos da época, uma vez que entendiam a arte “como veículos de comunicação visual estética” (VIDAL e LOPES, 1992: 283).

A partir de 2000, novos enfoques teóricos começam a rever as cosmologias ameríndias da América do Sul, e concepções menos antropomórficas da cultura começam a se destacar na Antropologia, influenciando também os arqueólogos (GOMES, 2016, 2019). Trata-se da chamada virada ontológica, discutida anteriormente. O corpo, local por excelência da arte, adquire diversos significados semânticos caracterizados por uma ontologia chamada de multinaturalismo ou perspectivismo por Viveiros de Castro em que “o mundo é habitado por diferentes espécies de sujeitos ou pessoas, humanas e não humanas que o apreendem segundo pontos de vista distintos” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002).

Assim, a corporalidade implica na fluidez cosmológica dos seres dependendo da agência a que estão submetidos, sendo eles pessoas, animais, seres sobrenaturais ou coisas (LAGROU, 2007). No perspectivismo ameríndio, os animais têm um papel preponderante, sobretudo os predadores, uma vez que estes são seres auxiliares do xamã. Nesse sentido, o xamanismo é a principal instituição cosmológica, uma vez que o xamã é o mediador dos diferentes mundos possíveis, atuando neles de forma plural e fluida. Nesse cenário, destaca-se também a obra *The Ocult Life Of Things*, organizada por Fernando Santos-Granero em 2009. Na obra, diversos autores debruçam-se sobre a noção do conceito de coisas, que se refere não somente aos artefatos, mas a “objetos feitos pelos deuses e humanos, incluindo as imagens, canções, nomes e desenhos, além de todos os objetos naturais e fenômenos que são centrais à vida humana e sua reprodução” (SANTOS-GRANERO, 2009: 3).

Agora, a arte não é vista com uma linguagem visual, mas como um elemento cultural da fabricação dos corpos indígenas. No trabalho de Miller (2009), por exemplo, a autora enfatiza que são os ornamentos corporais que definem o indivíduo na sociedade Mamaindê, conferindo-lhe consciência e memória. Para Lagrou (2009), os artefatos são imagens corporificadas em que a arte não é um reflexo da organização social cuja função principal seria a representação de entidades, mas sim a noção de transformação, um dos conceitos essenciais da agência dos artefatos nas novas teorias das materialidades.

Nesse sentido, entre os Kaxinawa, a pintura corporal não é somente um fenômeno sociocognitivo, mas sim um veículo que impulsiona a pintura a agir sobre o mundo, uma segunda pele que possibilita a viagem da pessoa a mundos imaginários durante sonhos ou visões. No que tange à aplicação das teorias etnológicas à Arqueologia, os materiais arqueológicos, como os vasilhames e as estatuetas cerâmicas começaram a

ser interpretados como corpos humanos ou de animais, uma vez que possuem traços da corporalidade física destes seres, como os olhos e boca, sendo alguns, inclusive, dotados de alma e consciência, podendo ser, também, agenciados como pessoas (SANTOS GRANERO, 2009).

Embora importantes estudos sobre arte focando a análise formal dos artefatos em busca do significado dos ícones para a interpretação dos objetos (SCHAAN, 2001), trabalhos de arqueologia etnográfica sobre a arte ameríndia focados, sobretudo, no perspectivismo ameríndio, começaram a dominar o cenário brasileiro a partir de meados dos anos 2000 e são a tendência atual. Nesse cenário, destacam-se os trabalhos de Gomes (2007, 2016, 2019) sobre os artefatos rituais de Santarém.

Os mais recentes estudos sobre a arte ameríndia amazônica concordam que a abstração ou os grafismos são a forma predominante de figuração (LAGROU, 2006; VIVEIROS DE CASTRO, 2006; GOMES, 2016). Segundo Lagrou (2013) a predileção pela abstração se dá pelo fato de que o suporte em que esta arte predomina é bidimensional com o objetivo de fabricar corpos. A cerâmica arqueológica é um claro exemplo dessa situação. Estes mesmos autores argumentam que o suporte em que esta figuração gráfica aparece é entendido como um artefato-corpo com capacidade agentiva, uma vez que “as sociedades da bacia amazônica produzem poucas imagens tangíveis do corpo sob a forma de gravuras, de esculturas ou de pinturas” (VIVEIROS DE CASTRO, 2006: 150). E continua o autor: “Elas não fabricam representações do corpo, elas de fato fabricam os corpos. Os utensílios são penados, descritos e quase sempre decorados como corpos” (VIVEIROS DE CASTRO, 2006: 150).

Um importante elemento da arte gráfica ameríndia foi formulado por Lagrou (2007) entre os Kaxinawa a partir dos estudos de Barthes, o chamado *studium-punctum*. Segundo a autora, o *studium* é o grafismo realizado de forma homogênea, simétrica e repetitiva, sobretudo formando linhas paralelas finas no suporte escolhido para realizar a pintura; é o “tecido da vida”, uma pele cultural estampada nos tecidos confeccionados pelas mulheres Kaxinawa. Já o *punctum* é o elemento que perturba a sincronia, criando uma estética agradável ao olhar, “a dissonância próxima do detalhe invisível, a surpresa necessária para a dinâmica visual, aquilo que dá estética visual ao todo, um ponto assimétrico no interior da simetria” (LAGROU, 2002: 39).

Outro conceito que se impõe nessa discussão é o de quimera abstrata, definida por Severi e Lagrou (2013: 8) como uma “tensão constitutiva entre o que é e o que não é dado a ver”, ou seja, um jogo mental em que a arte abstrata pode se transformar em figurativa, um complexo de emaranhado de desenhos que produzem uma percepção de transformação da iconografia em possibilidades múltiplas mais que individualizadas. Segundo os autores, esta é uma arte do “entre-dois”, em que se dá uma relação complementária entre os agentes envolvidos, que pode ser um animal e um ser humano, ou um ser humano e um espírito.

Nesse sentido, para Lagrou (2009: 68) a arte abstrata “opera a passagem entre o visível e o invisível num mundo ameríndio caracterizado pela intercambiabilidade das formas” em que os grafismos são considerados “instrumentos perceptivos que implicam operações mentais específicas sustentadas por uma ontologia na qual a transformabilidade das formas e dos corpos ocupa um lugar central” (LA GROU, 2002: 68). Essa percepção da arte abstrata leva, também, a uma confusão mental levando o observador a se perder como se estivesse em um labirinto (GELL, 1992, 2018).

A qualidade estética dos desenhos, como também do seu suporte, pode levar a sensações subjetivas referentes à beleza, ao amor e ódio que a arte abstrata pode provocar em nós, o que Gell (2018) chamou de *tecnologias do encantamento*. Segundo o autor, “essa tecnologia psicológica estimula e sustenta as motivações que a vida social exige” (GELL, 2018: 124). Nesse sentido, os artefatos atuam como seres vivos e mediadores da ação social, i.e agência, interagindo com os seres humanos. Sobre a arte decorativa, esta pode ser figurativa ou abstrata ou ainda geométrica segundo Gell (2018).

Na arte abstrata ameríndia, um elemento importante já mencionado é a simetria. Segundo o antropólogo em questão, todas as variações simétricas resumem-se em quatro movimentos: (1) reflexão, (2) translação, (3) rotação e (4) reflexão transladada, sendo a banda unidimensional, ou seja, formado por diversas translações o mais recorrente na arte ameríndia. Assim, Gell (2018) chama a atenção para o aspecto social e coletivo da arte, uma vez que as obras de arte nunca são apenas entidades singulares; elas são membros de categoria de obras de arte, e sua importância é crucialmente afetada pelas relações que existem entre elas como indivíduos e os outros membros de sua categoria, e pelas relações que existem entre essa categoria e outras categorias de obras de arte dentro de um mesmo todo estilístico – um sistema de produção artística específico cultural ou historicamente específico (GELL, 2018: 233).

CAPÍTULO 4

ANÁLISE ESPACIAL, ICONOGRÁFICO E ARTEFATUAL DA ESTEARIA DO FORMOSO

Nesse capítulo descreveremos cada grupo de esteios que mapeamos, os tipos de artefato que encontramos, bem como sua arte. Como dissemos anteriormente, a estearia do Formoso possui 3218 esteios distribuídos em um conjunto orientado na direção leste-oeste dispostos em uma área de 2 hectares. A aldeia tem cerca de 300 metros de comprimento, sendo que na parte circular seu diâmetro alcança os 100 metros, enquanto que na linear alcançam os 140 metros.

O assentamento está formado por 14 conjuntos de esteios. A porção ocidental da aldeia possui 8 conjuntos de esteios que variam de 10 a 17 metros. Esses conjuntos formam um espaço circular com destaque para o núcleo, *i.e. uma praça*, nitidamente o maior deles (**o de número 14 segundo mapa da Figura 13**), que mede 40 metros de diâmetro. Já o setor oriental da aldeia apresenta 6 conjuntos lineares de esteios (números 1 a 6) que variam de 4 a 50 metros, portanto, menos padronizado espacialmente falando com relação a sua parte oposta, circular.

Com relação à largura destes espaços, eles também são mais desiguais que na porção circular, variando de 4 a 28 metros. Assim como no setor circular, que tende a se fechar, mas que possui uma abertura na direção norte; o conjunto oriental também tende a se fechar, formando uma praça retangular, com uma abertura no sentido oposto à da parte central, ou seja, em direção sul.

GRUPO 1

O Grupo 1 datado entre 680 - 862 cal AD/1270 - 1088 cal BP)¹ é um grande conjunto de esteios do sítio e de onde se coletou a maior quantidade de peças, 225, sendo, também, o mais rico em variabilidade artefatural. A forma cerâmica predominante é a calota, seguida da forma meia-esfera, estas com marcas de crosta carbônica evidenciando cocção, e formas esféricas. Foram coletados vários fusos (**Figuras 21a, b**). Esse também é o conjunto de maior quantidade de peças pintadas, geralmente bíchromas (preta sobre fundo branco) e às vezes polícromas, com a adição de tinta vermelha, mas este não é o padrão. Em alguns exemplares as linhas formam os típicos ganchos, sendo esta a composição clássica dos grafismos das estearias (**Figura 21c**). Foi coletado, também, um aplique de ave pintado com linhas horizontais pretas. Um tipo de apêndice antropozoomorfo em especial chama a atenção por ser inédito no conjunto das estearias até hoje estudadas. Trata-se de cabeças que lembram a de onças com grandes orelhas e com os olhos e boca sendo formadas por incisão (**Figura 21d**). A bocarra soridente desse personagem é instigante. Outras vezes os seres humanos apresentam narinas proeminentes, que, confeccionados pela técnica da incisão e ponteado, podem ser uma alusão ao uso de alucinógenos, como vem assinalando

1. Todas as datações por C14 do sítio do Formoso foram realizadas por AMS e foram obtidas através de amostras de madeira dos esteios, com exceção da amostra do Grupo 2, obtida através do resto de crosta carbônica na superfície externa de um vaso cerâmico. Ambos os tipos de materiais datados são contemporâneos.

Navarro (2018b) para outros artefatos com destaque para estes orifícios (**Figura 21e**). As calotas desse conjunto também são um destaque: são artefatos muito grandes provavelmente utilizados para servir e que apresentam um aplique em forma de cauda de peixe, até agora nunca encontradas antes nas estearias já pesquisadas (**Figura 21f**). Uma estatueta encontrada nesse conjunto, e que possui uma depressão na região do ventre sugerindo uma possível associação com o uso de aspersão de alucinógeno, representa um ser antropozoomorfo, lembrando a estatueta de macaco do sítio Armíndio, no rio Turiaçu, que também possui tal depressão na região ventral (**Figura 21g**). Há, ainda, um orifício vazado na região do ombro do personagem, o que indica seu uso suspenso, assim como várias estatuetas também encontradas na região do rio Turiaçu. Algumas dessas vasilhas também têm a forma de arraias, outras com apliques mamiformes; há ainda uma cauda de jacaré, um sapo, porcos-do mato (**Figura 21h**), caudas de peixe-boi (**Figura 21i**), golfinhos, gavião, tartarugas e urubus-rei com sua típica crista recobrindo o bico (**Figura 21j**) e caudas enroladas de possíveis mamíferos. Uma dessas calotas tem duas cabeças de ave, sendo que cada uma delas olha para uma direção, o que fornece ao observador uma ideia de simetria ou dualidade, um artefato semelhante foi encontrado também no sítio do Armíndio, no rio Turiaçu. Há formas rasas que representam assadores e com marcas de cestaria (**Figura 21k**), alguns exemplares com flanges mesiais (**Figura 21l**) e artefatos com apliques antropomorfos, em que os braços do personagem envolvem o artefato formando as suas asas ou que têm suas mãos apoiadas no lábio (**Figura 21m**). Um desses personagens possui uma barba. Esse conjunto evidenciou uma grande quantidade de fragmentos e vasos completos com gargalos (**Figura 21n**). Há artefatos de tipo miniatura e também se coletaram quatro cachimbos (**Figura 21o**). Foi coletado, também, um peculiar artefato que figura um animal híbrido em que um dos lados da cabeça apresenta a forma de ave e no lado oposto, a de um réptil. (**Figura 21p**). Artefatos cerâmicos formados por apêndices antropomorfos. Recuperaram-se, também, dois cabos de machado em madeira sendo um deles com a lâmina ainda encabada. Além disso, encontraram-se outras 73 peças líticas polidas, entre lâminas de machado e batedores (**Figuras 21q**).

GRUPO 2

O Grupo 2, que está datado entre 857 - 991 cal AD/1093 - 959 cal BP, apresenta umconjunto de artefatos parecidos com o Grupo 1, mas com menor frequência. Como nos demais grupos, destacam-se os artefatos de tipo calota, utilizados para servir, e, portanto, sem marcas de cocção ou fuligem. Estes artefatos têm apliques em forma de arraia, de mamíferos, de aves, com cauda de peixe-boi e jacaré, em forma de tartaruga e um em forma de veado, único em toda coleção das estearias. As formas de meia-esfera têm marca de cocção, pois apresentam muita fuligem ou crosta carbônica. As peças pintadas diminuem nesse conjunto e se caracterizam pelas mesmas formas geométricas características do Grupo 1 (**Figura 21r**). Destaca-se uma calota com um aplique de ave pintado de preto. Há também os apliques antropomorfos com rostos humanos com grandes orelhas e bocarras.

Um deles chama a atenção, pois joga com a simetria e dualidade; pode ser tanto um ser humano com presas, como um mamífero cujas presas viram as orelhas se o artefato for girado em 90° (**Figura 21s, t**). Algumas calotas possuem apliques antropomorfos como se seu corpo fosse o próprio artefato, assim como também aparecem no Grupo 1. Foram coletados, também, 42 líticos, entre batedores e lâminas de machado.

GRUPO 3

Datado entre 892 - 1018 cal AD/1058 - 932 cal BP, o material proveniente deste Grupo compreende 56 peças. Predomina a forma de calota com os antiplásticos de cauixi, caco moído e mineral, como nos grupos anteriores, dentre os quais há um destaque para a mica, que não aparece em outros conjuntos. Outras formas de vasilhames encontrados neste conjunto são a meia-esfera e os esféricos, com destaque para os gargalos com presença de marcas de fuligem, além de formas rasas ou assadores. Chamam a atenção neste conjunto os braços das figurações zoomorfas que saem do lábio e formam flanges mesiais. Há também, apliques zoomorfos formados por peixes (arraias), caudas bifurcadas de peixes, mamíferos; além dos antropozoomorfos, que são constituídos por figurações com rostos expressivos, em que se destaca um personagem com longos braços em movimento que parecem emergir das profundezas do próprio vasilhame. Outros tipos de vasilhames que aparecem neste grupo são os fusos, asas, formas ovoides. Há muitos artefatos com pintura bícroma, aparecendo, às vezes, a cor vermelha. Foram coletados 12 artefatos líticos, entre lâminas de machado e batedores.

GRUPO 4

O Grupo 4, datado entre 658 - 778 cal AD/1292 - 1172 cal BP, é outro grande conjunto dentro do sítio. A forma de vasilhame que se destaca é a calota com seus típicos apliques de animais, como as caudas de peixe e de jacaré, além de tartaruga, arraia e mamíferos, como o porco-do mato. Há peças com pinturas com a típica cor preta em motivos geométricos sobre engobo creme. As vasilhas de forma meia-esfera possuem marcas de fuligem o que indica que sofreram cocção. Algumas peculiaridades deste conjunto chamam a atenção. Um vasilhame esférico possui um personagem antropomorfo modelado no bojo da peça, esse indivíduo parece emergir de um local profundo e parece utilizar seus longos braços para sair desse espaço do qual parece querer se ejetar, como ocorre também em uma peça do Grupo 3. Bordas cambadas estão mais presentes neste conjunto do que nos demais. Essas bordas acabam formando partes da estrutura corporal dos mamíferos e répteis, como é o caso das tartarugas, estas em geral se diferenciam dos demais conjuntos por possuírem garras afiadas (**Figura 21u**). Parece que estes animais estão em posição de ataque. Há assadores e bastantes vasilhames esféricos, alguns com apliques de animais. Este conjunto também se destaca pela presença de flanges mesiais. Foram recuperados 36 líticos, entre batedores e lâminas de machado.

GRUPO 5

Este grupo, datado entre 856 - 988 cal AD/1094 - 962 cal BP, apresenta oito peças. Predominam os vasilhames do tipo calota com os típicos temperos: cauixi, mineral e caco moído. Os apliques zoomorfos são comuns em que se destacam os mamíferos, como o porco-do-mato, e as aves. Foi coletado um aplicativo antropozoomorfo sem a cabeça e com a presença do ânus. Foram coletados 13 líticos, entre batedores e lâminas de machado.

GRUPO 6

Colearam-se somente três peças nesse conjunto de esteios. Predomina o vasilhame de tipo calota com os antiplásticos de cauixi, minerais diversos e o caco moído. Os apliques zoomorfos correspondem à arraias e caudas bifurcadas de outros peixes.

GRUPO 7

Deste grupo datado entre 680 - 862 cal AD/1270 - 1088 cal BP, foram coletadas 20 peças, cuja forma predominante é a calota, com os antiplásticos cauixi, mineral e caco moído, sendo que as espículas de esponja sobressaem nestas peças. Aparecem os típicos apliques zoomorfos de mamíferos, anfíbios e répteis e um aplicativo antropomorfo com lábio repuxado formando uma cabeça alongada que lembra um crânio intencionalmente deformado (**Figura 21v**). Neste caso, os braços formam a asa do vasilhame. Um artefato em forma de tartaruga está pintado de preto. Fragmentos de vasilhas que correspondem a gargalos também foram encontrados neste conjunto. Foi encontrada uma lâmina de machado polida.

GRUPO 8

Foram coletados 17 fragmentos cerâmicos, sendo que a forma predominante é a esférica, com destaque para os fragmentos de vasilhas com gargalos, além da forma meia-esfera, todos estes com marcas de fuligem. Vasilhames em forma de calota não são expressivos neste grupo. Apesar dos antiplásticos constituírem também a tríade cauixi, mineral e caco moído, há um uso expressivo de espículas de esponja neste conjunto. Assim como no Grupo 11, há os característicos apliques de mamíferos que mostram suas afiadas garras. Outros apliques zoomorfos também são abundantes: mamíferos, peixes, aves; deste último grupo chama a atenção um exemplar de urubu-rei. Foi coletado, por último, um fragmento bícromo e um com um orifício vazado. Foram coletadas três lâminas de machado e batedores.

GRUPO 11

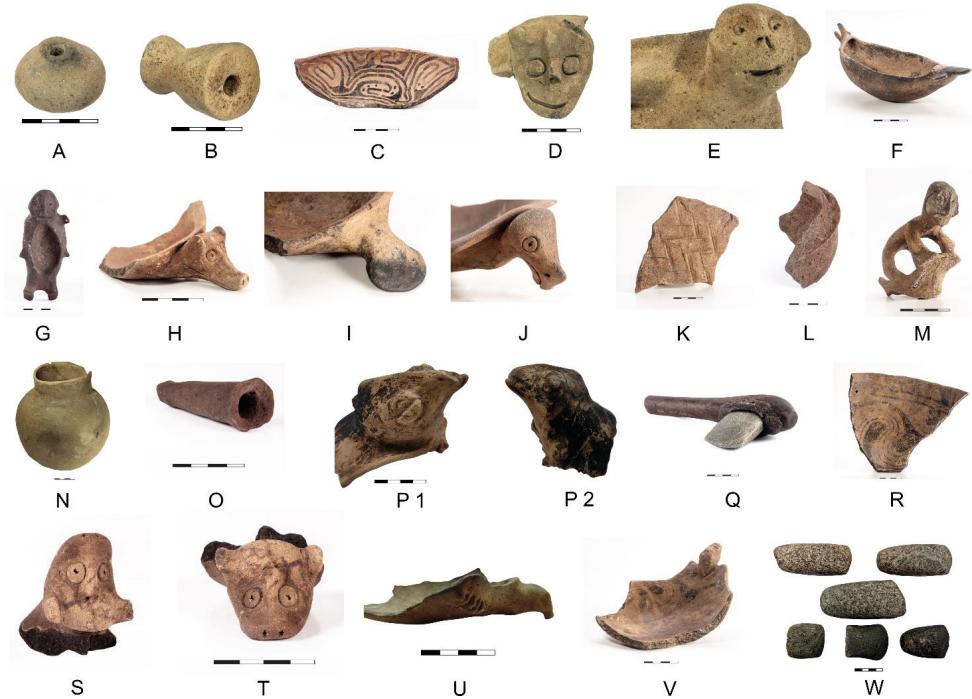
Neste conjunto de esteios, datado entre (856 - 988 cal AD/1094 - 962 cal BP), coletaram-se 39 fragmentos cerâmicos. Os antiplásticos dominantes são o cauixi, o mineral e o caco moído e as formas predominantes são as calotas. Estes vasilhames apresentam apliques zoomorfos, como os mamíferos (porcos-do-mato), os peixes (arraias), aves (sobretudo coruja, sendo que uma ave está olhando para o lado, em perspectiva, semelhante ao do Grupo 1); vasilhames esféricos com gargalos também aparecem neste conjunto, além de vasilhames em forma de meia-esfera, com asa e flanges mesiais. Os modelados zoomorfos de mamíferos deste conjunto têm a característica peculiar de um possível gesto de ataque, em que fica nítida a representação das garras dos animais, semelhantes aos dos Grupos 4 e 8. Foram coletados 12 líticos, entre lâminas de machado e batedores.

GRUPO 13

Somente coletaram-se quatro fragmentos cerâmicos neste grupo. Os antiplásticos destes materiais são o cauixi, mineral e caco moído, sendo as calotas os tipos de vasilhames que predominam neste conjunto. Foi encontrado um aplicativo antropozoomorfo, outro zoomorfo em forma de golfinho e um fragmento de artefato em forma de meia-esfera com asa e marca de fuligem. Foram encontradas duas lâminas polidas de machado.

GRUPO 14

Neste grupo, datado entre 832 - 972 cal AD/1118 - 978 cal BP, foram coletados 26 fragmentos cerâmicos. Os antiplásticos que formam as cerâmicas deste grupo são o cauixi, o mineral e o caco moído. Os tipos de vasilhames que predominam são as calotas. Destaca-se um exemplar com lábio repuxado arrematado por um modelado em forma de cabeça antropomorfa alongada, assim como aparece no Grupo 7. Há também exemplares de fusos, gargalos e vasilhames esféricos e meia-esfera com marcas de fuligem e modelados com apliques zoomorfos como arraias e caudas de peixes, aves e mamíferos, além de uma pata de anfíbio. Foram coletados cinco fragmentos com pintura preta sobre fundo creme; alguns com restos de resina. Apliques antropozoomorfos caracterizados por um animal com focinho, rosto humanizado e orelhas pontiagudas (**como a figura 21d**) também fazem parte dos espécimes deste grupo. É o grupo com maior quantidade de líticos, onde foram coletados 99 exemplares, entre lâminas de machado e batedores (**Figura 21w**).



Já a pintura dos vasos cerâmicos da estearia do Formoso é formada por grafismos abstratos, semelhante às das estearias do Turiaçu. A divisão do campo decorativo é feita, em geral, em duas bandas, a saber, a da borda e a do fundo da vasilha ou a de algum outro ponto do vaso e o fundo da vasilha, mas sempre dividindo dois campos figurativos. A decoração na borda ou desse outro ponto do vaso mostra um motivo formado por linhas paralelas em movimento de translação, que separa o do fundo do vaso, com figurações geométricas que lembram ganchos entrecruzados.

Interpretamos o uso dessas cores e o motivo de gancho como alusão à anaconda (*Eunectes murinus*), réptil este presente de forma central nas cosmologias amazônicas (**Figuras 22 e 23**). Pode-se notar, inclusive, a predominância da cor preta, característica desse animal.

Padrões iconográficos do sítio Formoso



Figura 22. Padrão decorativo da pintura cerâmica da estearia do Formoso. Fonte: Acervo LARQ/UFMA.

Assim, o material cerâmico da estearia do Formoso evidencia que os artefatos figuram imagens corporificadas em que a arte não é um reflexo da organização social, cuja função principal seria a representação de entidades, mas sim a metáfora da noção de *transformação*, um dos conceitos essenciais da agência dos artefatos nas novas materialidades (Lagrou 2009).

Essa arte, como discutimos anteriormente, é xamânica e atende aos interesses cosmológicos dessa sociedade que a produziu. São elementos narrativos e de memória da importância do mito da cobra-canoa ao longo do tempo.



Figura 23. Sucuri ou anaconda (*Eunectes murinus*), são os desenhos das cerâmicas do Formoso.
Fonte: Wikipedia.

Por exemplo, segundo os Desana, da família linguística Tukano oriental, a humanidade foi formada por seres sobrenaturais chamados Trovão, ditos “Homens de Quartzo Branco” ou Avôs do Mundo (LANA e LANA, 1995). O Terceiro Trovão incumbiu-se de criar a humanidade, gerando primeiro um grande lago (o oceano) que foi alcançado por ele na forma de uma serpente, sendo sua cabeça como a proa de uma lancha, metáfora da “Canoa da Futura Humanidade” ou “Canoa da Transformação”, sendo que o chefe dos Desana veio como líder dessa embarcação, a chamada cobra-canoa (LANA e LANA, 1995) (**Figura 24**).

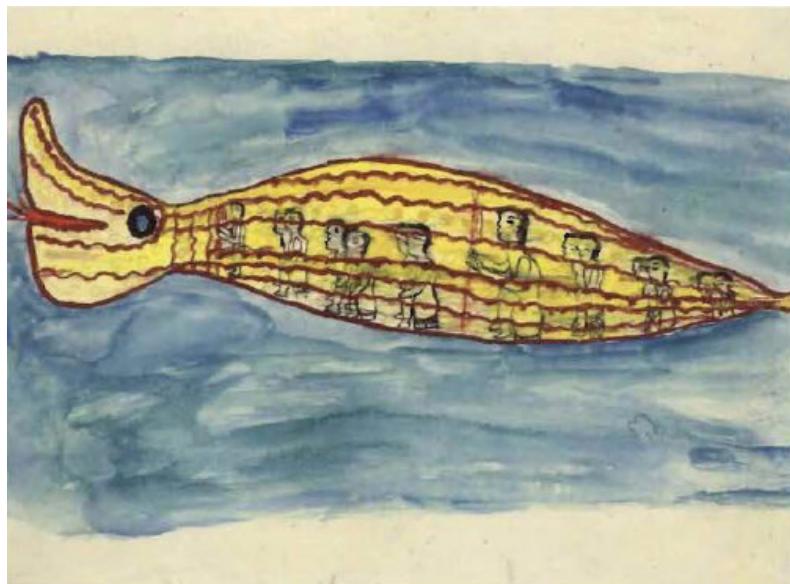


Figura 24. A cobra-canoa anaconda com seres humanos em seu interior. Fonte: Desenho de Feliciano Lana, 1995, p. 72.

Este ser sobrenatural carregava consigo riquezas materiais que, ao passar por cada maloca ao longo do Rio Amazonas, transformava qualquer aldeia em pessoas. A cobra-canoa teria sido utilizada pelo criador Sol, Pamurí-mahsé, Senhor do Inframundo – mundo celestial – chamado Ahpikondiá, para enviar as pessoas à Terra. A cobra-canoa recebeu um nome, pamurí-gahsíru, e foi pintada de amarelo com manchas negras. O interior da canoa, onde estavam os Desana, foi pintado de vermelho. A viagem foi longa porque em cada nascente do rio o criador Sol ia criando as aldeias e colocando os Desana para viver nelas.

Segundo Roosevelt (2014), muitos povos amazônicos associam o rio Amazonas com a anaconda pelo fato destas serpentes dominarem a paisagem aquática e aos meandros dos rios imitarem o movimento destes répteis. A anaconda, portanto, povoava uma quantidade muito grande de mitos amazônicos, tendo como características principais a criação cosmológica, sob os aspectos celestiais, e propriedades culturais associadas a transformações naturais da vida aquática e o mundo das águas, predicados estes típicos da floresta tropical.

Como mencionamos, essa transformação que os artefatos carregam através de sua corporificação pertence ao mundo do xamanismo. Existe uma extensa bibliografia sobre o tema e a instituição xamânica que foi definida de diferentes formas, sendo uma ideia predominante “de um universo de múltiplos níveis, onde a realidade visível supõe sempre outra invisível” (Langdon 1996: 27). Interessa-se aqui pela implicação transformativa do xamanismo na cultura material, em que seres se metamorfoseiam em outros, como animais em humanos, humanos em animais, humanos em espíritos (Seeger et al 1979).

Reichel-Dolmatoff (1988) pontuou que o xamanismo é um “sistema coerente de creencias y prácticas religiosas, que trata de organizar y explicar las inter-relaciones entre el cosmos, la naturaliza y el hombre” (Reichel-Dolmatoff 1988: 23). O xamã é, portanto, o possuidor do conhecimento sensível que coaduna a natureza e as práticas humanas sobre as tradições mitológicas do grupo, atuando como mediador do cosmos através de ações rituais como as danças, as falas, entonações e cantos. O xamã, em última instância, consagra e perpetua a memória social do grupo que representa através da experimentação de suas vivências.

O xamanismo tem encontrado terreno fértil para se desenvolver a partir do perspectivismo ameríndio, em que os animais têm um papel preponderante, sobretudo os predadores, uma vez que estes são seres auxiliares do xamã. Nesse sentido, o xamanismo é uma *instituição cosmológica*, uma vez que o xamã é o mediador dos diferentes mundos possíveis, atuando neles de forma plural e fluida (Viveiros de Castro 1996, 2002). Ainda de acordo com este autor, o xamanismo é, portanto, a instituição da *transformação* e da *metamorfose per se*, uma vez que “espíritos, mortos e xamãs assumem formas de animais, bichos que viram outros bichos, humanos que são inadvertidamente mudados em animais” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002: 351).

No que tange à Arqueologia, os artefatos têm sido interpretados como a materialização de cosmologias baseadas no xamanismo. Gomes (2012) discorreu que as estatuetas de Santarém (1200-1600 AD) que, ora figuram homens sentados em bancos, ora portam maracás, representam os xamãs. Utilizando o perspectivismo ameríndio, esta autora argumenta que os apliques cerâmicos zoomorfos de alguns tipos específicos de vasos, como os de gargalo e as cariatides, evidenciam processos de transformação corporal vivenciados pelos xamãs. Já Schaan (2001) discorreu sobre o papel das mulheres xamãs entre os Marajoara e Navarro (2018a, 2028b, 2023) tem mostrado que objetos xamânicos foram distribuídos em fluxos estilísticos envolvendo diversas regiões na Amazônia pré-colonial.

Outros artefatos carregados de significados simbólicos são os apliques. Estes são formados por artefatos que figuram seres humanos que estão em processos de transformação corporal, ora individuais ora fundindo-se com animais, à exceção das onças, apresentadas no primeiro grupo (**Figura 25**). A imagem **25a** é um aplique modelado que possui traços humanos, mas com orelhas possivelmente figurando outro animal. Destacam-se as incisões pronunciadas das narinas e os braços curtos do personagem.

O personagem do exemplar **25b** é um humano que figura um vaso semi-esférico que parece estar emergindo da vasilha. Pequenas protuberâncias no bojo do vasilhame parecem simular a coluna vertebral do personagem. O exemplar **25c** é uma estatueta que apresenta uma depressão central, possivelmente utilizada para servir. Apresenta um orifício na altura dos ombros indicando seu uso suspenso. Os braços estão figurados ao lado do corpo e chamam a atenção os pés virados para trás do personagem, lembrando o personagem da cultura popular conhecido como Curupira.

O aplique **25d** figura um complexo personagem. Figura um ser humano com uma expressão facial penetrante sendo que um dos olhos é formado por um grande ponteado e o outro por um aplique circular. Este se observado lateralmente compõe a cabeça de uma ave cujo bico forma, também, a orelha desproporcional do personagem. Ao lado do outro olho foi realizada uma profunda incisão que chega até a boca lembrando uma escarificação ou uma deformação corporal. Sua posição no bojo do vaso apresenta algumas características peculiares como se ele estivesse em postura de estação comum ao animal ou simulando um salto. Suas mãos estão presas ao lábio da vasilha. Seu corpo é esquelético e estas características parecem ser salientadas pela discreta presença dos ossos da coluna vertebral e dos ombros, ou estas protuberâncias podem ser deformações corporais como aquelas que parecem sair de seu antebraço. Assim como na estatueta, os pés do exemplar estão para virados para trás.

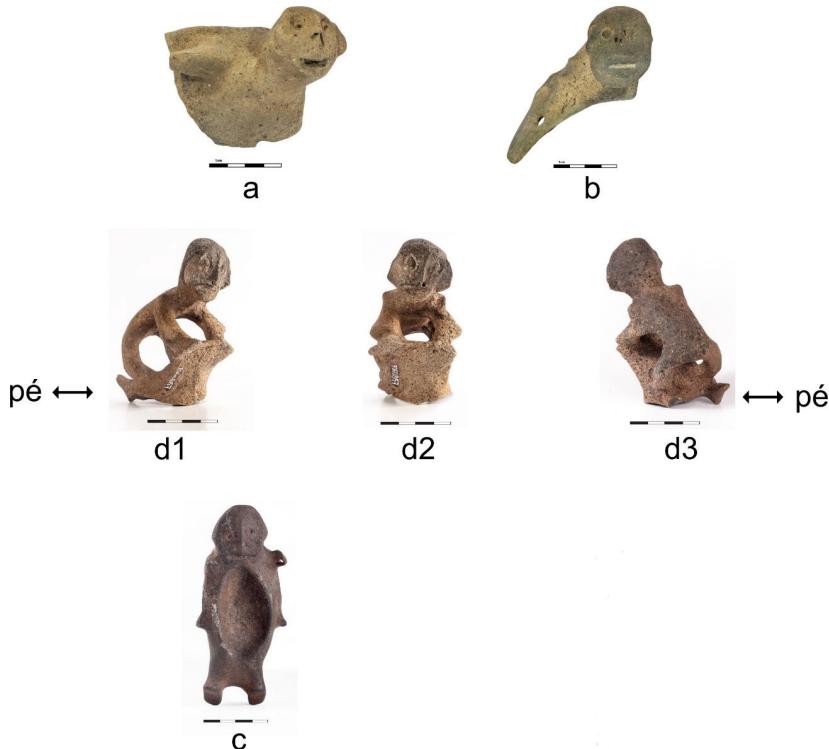


Figura 25. Artefatos figuram a transformação corporal, evidenciando o xamanismo. Fonte: Acervo LARQ/UFMA.

O segundo grupo de artefatos é formado por artefatos-corpo que simulam seres humanos que parecem emergir dos vasos ou ainda formam asas como se estivessem envolvendo o vasilhame (**Figura 26**). Estes compõem um particular grupo de vasos com formato de calota esférica, geralmente utilizados para servir alimentos, uma vez que não apresentam marcas de cocção em sua superfície externa.

O exemplar **26a** figura um ser humano com traços símios cujos braços forma duas asas no lábio do vaso, como se estivesse envolvendo toda a calota. O exemplar **26b** é formado por uma calota em cujo lábio há um modelado em forma de cabeça humana. A impressão de que está deitado se acentua ao observar a borda direta e lábio arredondado que simular os ombros do personagem. A superfície interna do vaso está pintada, possivelmente uma pintura corporal do ser humano figurado. Já o exemplar **26c** é formado por uma calota com um modelado figurando um ser humano com cabeça que também parece estar alongada pela técnica de deformação craniana. Esta cabeça sai do lábio até o bojo do vasilhame; seus braços formam asas presas ao bojo do artefato. Por último, a imagem **26d** figura um ser humano com traços símios que parece emergir do fundo do vaso do tipo gargalo.

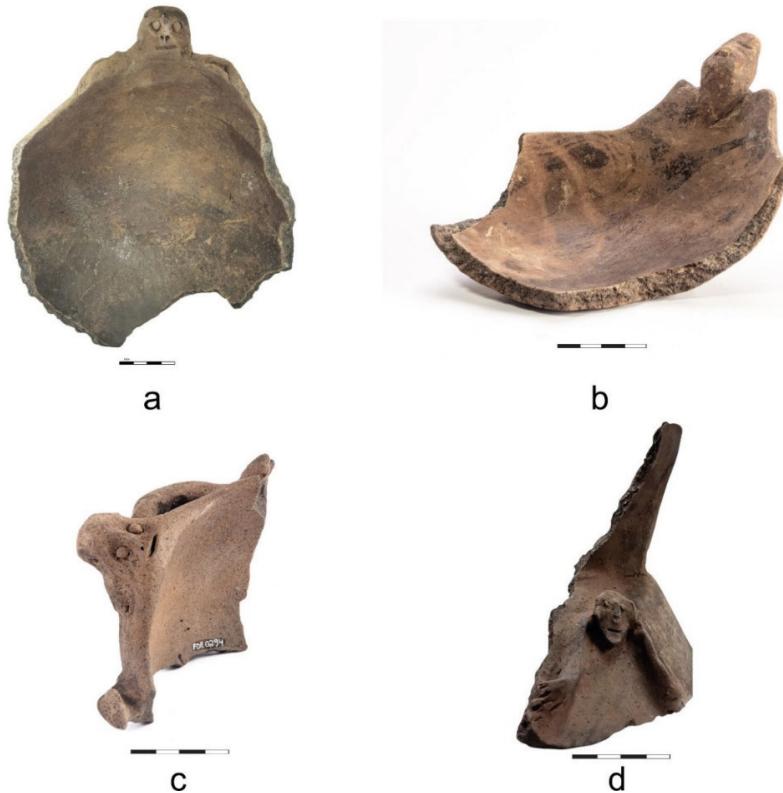


Figura 24. Seres humanos emergindo das profundezas do Formoso. Acervo Fonte: LARQ/UFMA.

Quanto ao terceiro grupo (**Figura 27**), este compreende apliques que fizeram parte de vasos que mesclam características de animais com as de humanos, sendo a boca um elemento que se destaca na composição iconográfica, ora sendo de proporções exageradas como nos exemplares **27a**, **27c** e **27e**, ora provocam uma expressão facial curiosa, como se estivesse sorrindo ironicamente, como é o caso da peça **27a**; já a peça **27d** possui uma feição senil.



Figura 27. Artefatos mesclando características humanas e animais. Fonte: Acervo LARQ/UFMA.

O último grupo é formado por artefatos que simulam a mudança de perspectiva das figurações envolvidas nesse processo visual (**Figura 28**). Nesse conjunto destacam-se dois artefatos. A figura **28a** trata-se de uma figura antropozoomorfa, possivelmente um mamífero, e quando virada no ângulo de 180° a peça se transforma num ser humano. O exemplar **28b** é formado por um aplique zoomorfo que compõe uma vasilha semi-esférica com marcas de cocção, uma vez que a mesma é coberta por uma fuligem em sua face

externa. Um dos lados é uma ave, a outra face é um réptil. O exemplar **28c** comprehende um fragmento de estatueta antropozoomorfa, com traços humanos e símios. As orelhas estão perfuradas e possivelmente o exemplar portava algum adorno auricular. As orelhas olhadas de perfil simulam as faces de uma ave, possivelmente uma arara. Ainda chama a atenção um grande orifício situado na região do peito, simulando, talvez, uma boca podendo também ter alguma outra função, como a passagem de algum material perecível para a suspensão do objeto ou transferência de líquidos.

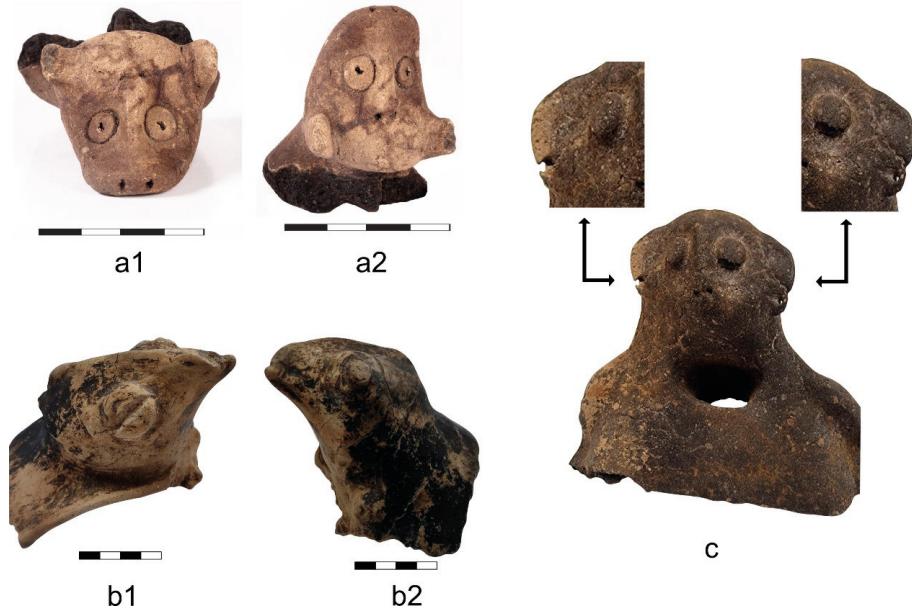


Figura 28. Artefatos com observação de mudança de perspectiva. Fonte: Acervo LARQ/UFMA.

QUEM FORAM OS HABITANTES DA ESTEARIA DO FORMOSO?

A estearia do Formoso parece ser um sítio da Tradição Inciso-Ponteada/Arauquinoide. Arauquín é uma região do médio Orinoco, Venezuela, que deu ao nome ao horizonte, à tradição, ou ainda às séries Arauquinoídes definidas por Cruxent e Rouse (1958-1959). Segundo Lahtrap (1970), os povos desta tradição arqueológica teriam se dispersado amplamente nas terras baixas da América do Sul, concentrando-se mais na sua porção nordeste.

As características arqueológicas para definir esta tradição baseiam-se nas seguintes tecnologias cerâmicas: 1. O uso de cauixi como antiplástico na pasta da argila; 2. A utilização de ferramentas para produzir incisão e pontos que formam a decoração plástica do artefato e 3. Predileção pelos modelados, sobretudo apliques zoomorfos e antropomorfos que aparecem tanto no lábio quanto no bojo do vasilhame; 4. A policromia pode aparecer, embora não seja uma regra. Segundo Roosevelt (1997), a série Arauquinoide se caracteriza por um adensamento populacional nas terras baixas do Nordeste da América do Sul em detrimento das sociedades anteriores que correspondiam à série Saladoide-Barrancoide.

A Tradição Inciso-Ponteada/Arauquinoide estende-se desde o nordeste das terras baixas da América do Sul, incluindo o Orinoco e as Guianas, passando pelo norte da Colômbia e Caribe, a Amazônia Central, o baixo Amazonas (Santarém, Konduri, Aruã e Maracá) e as Antilhas, entre aproximadamente 1000 a 1500 AD. (CRUXENT e ROUSE, 1958-1959; MEGGERS e EVANS, 1957, 1961; LAHTRAP, 1970; WILLEY, 1971; ROOSEVELT, 1980, 1997; GOMES, 2002; GUAPINDAIA, 2008; ROSTAIN, 2010). Segundo Roosevelt (1996), a ênfase na incisão, o uso de espículas de esponja e a ênfase na decoração plástica focando animais e seres humanos seria um estilo ancestral da série Barrancoide ou Tradição Borda Incisa.

Segundo Roosevelt (1997), os sítios da Tradição Inciso-Ponteada/Arauquinoide, juntamente com os sítios da Tradição Polícroma (cerca de 400 a 1300 AD.), corresponderiam às duas Tradições das Terras Baixas da América do Sul formadas pela expansão de sociedades caracterizadas pelas chefaturas. Ainda segundo essa arqueóloga, a diferença do material arqueológico entre ambas as Tradições é tão grande que não existiria uma conexão histórica na origem entre elas (a não ser as esferas de interação que mantiveram), sendo a Tradição Polícroma originária da foz do Amazonas e a Tradição Inciso-Ponteada/Arauquinoide, do Orinoco. No entanto, a origem a Tradição Inciso-Ponteada ainda não está clara, mas o uso de espículas definitivamente a coloca dentro de uma região de estuários de floresta tropical (ROOSEVELT, 1996).

Segundo Lahtrap (1970), a Tradição Inciso-Ponteada seria representada por povos falantes de línguas do tronco Karib, mas como bem alerta Roosevelt (1996), não há razão para supor que somente um único grupo linguístico tivesse associado exclusivamente a uma única Tradição. Segundo a autora, as semelhanças entre os estilos regionais de uma Tradição devem-se muito mais às alianças ou inimizades entre os grupos envolvidos em contatos. Aliás, os mesmos estilos cerâmicos são utilizados por povos de diferentes línguas e diferentes sistemas adaptativos em amplos sistemas regionais de interação, como acontece no Alto Xingu (BLACK *et al.* 1983; HECKENBERGER, 2005).

Em Parmana, Roosevelt (1997) identificou a fase Camoruco (800-1000 AD.) como sendo Araquinoide. Houve uma mudança na pasta cerâmica da fase predecessora, a Corozal, com um incremento na adição de espículas, pintura marrom, incisões retilíneas e um aumento nas figurações humanas naturalistas e efígies. Segundo esta autora, estes novos traços cerâmicos, distintos dos anteriores, teriam vindo de fora da área de influência de Parmana e foram rapidamente absorvidos na região. Características tecnológicas das vasilhas cerâmicas da fase Camoruco são muito parecidas às das estearia do Formoso, como: 1. Uso de cauixi na pasta cerâmica; 2. Incisão e ponteados, sendo a primeira caracterizada por uma forma em V, que é diferente da série Barrancoide, em U; 3. Pouca pintura polícroma; 4. Abundância de apliques zoomorfos com uma incisão na boca e um ponteado nos olhos circulares também incisos; 5. Lábios repuxados formando bordas cambadas; 6. Apliques antropomorfos caracterizados por seres humanos com os braços laterais em direção à barriga, formando, às vezes, a asa do recipiente; 7. Estatuetas com os olhos incisos em forma de grão de café (**Figuras 29 e 30**).



Figura 29. Caracterização da cerâmica Inciso-Ponteada/Arquinoide. Fonte: Acervo LARQ/UFMA, Rostain e Roosevelt.



Figura 30. Os típicos apliques com incisos-ponteados característicos da estaria do Formoso. Fonte: Acervo LARQ/UFMA.

Roosevelt (1997) fornece algumas explicações para a profusão de modelados zoomorfos na Tradição Inciso-Ponteada/Araquinoide. A primeira seria uma evidência do consumo de proteína, para complementar a dieta indígena baseada essencialmente em grãos, vegetais e tubérculos.

Os animais representados seriam aqueles que serviam de alimentação, nesse sentido, os modelados refletiriam o controle social sobre os recursos faunísticos disponíveis para o consumo humano. A outra explicação plaina sobre uma vertente simbólica cujos animais representados na cerâmica estariam conectados a rituais ou ao tabu.

Para isto, a autora utiliza a etnografia amazônica para explicar que as sociedades indígenas atuais utilizam os animais em comunicação com outros planos através do uso de alucinógenos, como é o caso do Mestre dos Animais que possui poder punitivo sobre a saúde humana, a fertilidade e a abundância de alimentos (ROTH, 1915; REICHEL-DOLMATOFF, 1971; C. HUGH-JONES, 1979; S. HUGH-JONES, 1979; ROOSEVELT, 1995; 1997).

Os apliques antropozoomorfos poderiam ser, desse modo, uma alusão a esta entidade chamada de Mestre dos Animais, animais mitológicos que falam e interagem com o ser humano. A combinação de animal e humanos revelaria, também, o poder de transformação xamânica, cujo xamã necessita da ajuda dos animais para se comunicar com os espíritos ancestrais. Nesse sentido, o exemplar cerâmico do Grupo 1 da estearia do Formoso poderia ser uma alusão desse processo de metamorfose corporal (**Figura 21p**). Os vasilhames cerâmicos que contém estes modelados poderiam ser os recipientes utilizados por estes xamãs em suas cerimônias ritualísticas.

A Tradição Arauquinoide também está presente na costa das Guianas, no Suriname e esteve associada aos montículos com aldeias circulares e campos elevados (ROSTAIN e VERSTEEG, 2004; ROSTAIN, 2016; COUTET, 2016). Segundo Rostain (2016) os povos Arauquinoide confeccionaram suas cerâmicas de uma forma homogênea. Segundo ainda o mesmo autor, esta Tradição se caracteriza por uma continuidade geográfica, cronológica e cultural ao longo da costa das Guianas desde 600 AD (fase Hertenrits), mas a grande maioria dos sítios foi construída entre 800 AD até o período colonial, sendo que as principais fases são Kwatta (810-1055+30 AD.), Barbakoeba (960-1125+30 AD) e Thémire (1440-1690+30) AD. Para esse arqueólogo, as cerâmicas têm as mesmas características descritas anteriormente por Roosevelt (1995, 1997) e aquelas do Formoso: 1. Abundância de modelados zoomorfos; 2. Lábios repuxados formando ondulações na borda e lábios dentados; 3. Uso de cauixi como antiplástico.

Em sua tese, Coutet (2011) propôs uma caracterização técnico-estilística para a cerâmica Arauquinoide em sítios da fase Barbakoeba e Thémire para saber se havia semelhanças e diferenças nos gestos de fabricação dos vasilhames. Por exemplo, no que diz respeito ao acabamento, as principais técnicas identificadas foram o polimento, alisado, brunidura e aplicação de engobo, as mesmas utilizadas na estearia do Formoso.

Chama a atenção para 1. O uso de caco moído como antiplástico, sendo pouco recorrente o cauixi e caraipé; 2. Vasilhames com a forma de calota e esféricas; 3. Decoração plástica focada nos modelados de animais como anfíbios e tartarugas; 4. Recorrência de cerâmica figurando seres antropomorfos; 5. Escassez da pintura vermelha; 6. Uso de um cordão modelado que pode dar forma a braços de humanos ou animais, os mesmos descritos por Roosevelt (1997) e que também aparecem na estearia do Formoso.

Coutet (2011) encontrou pintura polícroma nos sítios da fase Thémire, a mais recentes da Tradição Araquinoide da Guiana e Suriname, o que interpreta como uma influência da Tradição Polícroma nestas regiões. Para explicar este contexto, Coutet (2016: 71) pensa, assim como Roosevelt (1997), Rostain e Veersteeg (2004), a Tradição Araquinoide como “uma entidade supralocal e macrorregional; uma ampla esfera de interação, onde grupos culturais se uniram em uma complexa rede de trocas de mercadorias, pessoas, técnicas e ideias”. Por causa da uniformidade recorrente da cultural material na Tradição Araquinoide, estas sociedades poderiam ter tido uma origem comum, que para Rostain (2016) é nas Guianas e para Roosevelt (1997) é no baixo Amazonas.

Na chamada Tradição Xinguana, a fase Ipavu (700 AD) seria uma expressão da Tradição Inciso-Ponteada no alto Xingu e estaria relacionada à migração de povos indígenas provenientes do Orinoco nas cabeceiras do rio Xingu (BECQUELIN, 2000; TONEY, 2016). Caracterizada pelo adensamento populacional, a fase Ipavu seguiria até aproximadamente 1250 AD com aldeias imbuídas de praças centrais evidenciando, deste modo, a complexidade social no alto Xingu durante este período. A principal característica desta fase é a utilização do cauixi como antiplástico. Toney (2016) reconhece que a origem dos povos que utilizaram o cauixi estaria na fase Corozal no Orinoco, corroborando a tese de ROOSEVELT, (1997).

As principais características Araquinoïdes desta fase são: 1. Uso abundante do cauixi, mas o caraipé também aparece em menor escala; 2. Vasilhames pequenos e com paredes finas; 3. Vasilhames globulares; 4. Modelados zoomorfos cujos olhos são formados por um círculo e um ponteado. Pelo fato de os Karib proto-históricos terem habitado a região do lago Tafununu, próximo dos sítios da fase Ipavu, Toney (2016) pensa numa possível origem Karib para essa fase arqueológica. O adensamento populacional teria sido provocado pela produção de alimentos baseada no cultivo de mandioca.

No entanto, a mais conhecida fase da Tradição Inciso-Ponteada no Brasil corresponde à fase Santarém, localizada na cidade homônima (ROOSEVELT, 2016; GOMES, 2016a). Para Gomes (2016), Santarém está datada em 1000 AD; Roosevelt (2016) pensa numa ocupação um pouco mais tardia, cerca de 1200 AD. Embora as formas cerâmicas sejam diferentes das estearias, temas como a transformação corporal envolvendo a metamorfose dos xamãs estão presentes em ambas as culturas, como vêm sustentando Gomes (2016a, 2016b, 2022), Navarro (2021) e Navarro e Prous (2020).

Dentro de uma perspectiva regional, a estearia do Formoso, como se disse no início dessa seção, apresenta as características tecnológicas cerâmicas semelhantes às das estearias do Turiaçu. As formas dos vasilhames e o típico apêndice mamiforme são os mesmos. No entanto, a decoração plástica, constituída em sua maioria por apêndices zoomorfos e antropomorfos, aplicados no bojo da cerâmica, foi modelada de forma diferente. Esta consiste no repuxamento do modelado até o lábio do vasilhame, formando um abaulamento interno na peça, arrematada por uma borda cambada; esta tecnologia está ausente nos demais assentamentos do Turiaçu.

Chama a atenção, também, a grande quantidade de apêndices antropomorfos nos vasos do Formoso, com traços corporais caracterizados por incisões e ponteados; estes são inexistentes nos assentamentos do Turiaçu. São estes traços tecnológicos que reforçam o Formoso como uma fase da Tradição Inciso-Ponteada. À diferença dos sítios do Turiaçu, quanto à decoração pintada, as linhas pretas dos vasos do Formoso são mais grossas e dentro delas, na seção em que os ganchos se encontram, há o desenho de alguns pontos também pintados de preto, arranjo inexistente no Turiaçu. Além disso, os campos decorativos das vasilhas do Formoso foram realizados com menos controle do pincel e menor rigidez técnica; e a tinta vermelha foi bem menos aplicada.

Segundo Fénelon Costa e Malhano (1986), em geral, as aldeias indígenas são de três tipos: circulares, retangulares e lineares. Quanto ao padrão assentamento do sítio do Formoso, este parece não encontrar precedentes na literatura antropológica e arqueológica relatadas até o presente. Tampouco apresenta semelhanças com as demais estearias mapeadas até hoje (NAVARRO 2018a, 2018b), sendo seu padrão caracterizado por um conjunto oriental formado por um conjunto retangular e outro ocidental, constituído, claramente, por um arranjo circular com um núcleo. Esse arranjo forma uma grande aldeia de 300 metros conectada por pontes de esteios que ligam o Grupo 1 ao Grupo 13, evidenciando, assim, uma dinâmica socioespacial que unifica os dois setores da aldeia.

Na Amazônia, exemplos de aldeias circulares são as do Alto Xingu, que têm uma praça central e malocas dispostas circularmente a ela (FÉNELON COSTA E MALHANO, 1986, WÜST E BARRETO, 1999). As aldeias lineares podem ser encontradas entre os Karajá no Araguaia (Meggers, 1971); entre os Omágua do Japurá até o Coari e Purus, afluentes do Amazonas (Porro, 1993, 2017) e entre os Tukano da Colômbia (Reichel-Dolmatoff, 1971).

Na estearia do Formoso chama a atenção o setor circular da aldeia, por se tratar de um arranjo inédito comparado ao padrão das estearias já mapeadas. Estudos mais recentes vêm demonstrando a existência de aldeias circulares na Amazônia pré-colonial para além das lineares, embora seja difícil associar estas formas pelo fato de que os sítios arqueológicos, em geral, apresentam uma única camada de solo mais escuro, *i.e. terra preta ou terra mulata*, como evidência de sucessivas ocupações ao longo do tempo (PESSOA *et al.* 2020).

Iriarte et al. (2020) utilizando o LIDAR recentemente documentaram aldeias circulares formadas por montículos no sudeste amazônico, na região do Acre, Brasil, com estradas conectando os diferentes assentamentos. O autor pensa que estes sítios foram erguidos após o abandono dos geoglifos, ao redor de 950 AD, substituindo essa maneira de organizar o espaço para outro caracterizado por aldeias circulares.

Aldeias circulares são o tipo padrão do Alto Xingu devido às intensas trocas culturais entre os grupos da região, como os Yawalapiti e Menihaco (tronco Aruak), Kamayurá (Tupi) e Kalapalo (Karib). O comércio, o compartilhamento ritual e o matrimônio intertribal foram os responsáveis por essa homogeneização cultural xinguana, ainda que cada grupo mantinha sua diferenciação em quanto à cultura material e à língua (SÁ, 1983). Esse sistema de integração inter-regional também aparece no registro arqueológico, em que Heckenberger (2005) identificou vários assentamentos multiétnicos dos antepassados Kuikuro, Kalapalo e Matipu, a maioria sendo tronco linguístico Karib. Segundo o autor, o início da ocupação da região teria ocorrido em 900 AD por um grupo Arawak. Por conta do tamanho das aldeias, o autor postulou a existência de uma hierarquia social das aldeias, propondo a existência de chefias regionais ou cacicados.

Com relação à Baixada Maranhense, as etnias que nela vivem pertencem ao tronco Tupi e Macro-Jê. Do primeiro tronco depreendem-se os Guajajara ou Tenetehára, que atualmente vivem nos cursos do rio Pindaré, Mearim e Grajaú. Do segundo tronco, vive uma miríade de povos que falam a língua timbira e que preferiram a região do cerrado maranhense, ocupando as terras ao longo do rio Itapecuru, a leste e sul do Estado do Maranhão, sendo conhecidos genericamente como os Timbira, os do Orientais, que são a maioria, como os povos Canela Ramkokamekrá, Gavião, Krahô e Krikati, e os Ocidentais, representados pelos Apinayé (NIMUENDAJÚ, 1946; DA MATTA, 1976; CROCKER E CROCKER, 2004; MELATTI, 2007).

Relatos dos séculos XVII e XVIII dão conta da existência de povos do tronco Tupi e Macro-Jê na região do vale do Pindaré e Mearim, onde estão localizadas as estearias, sendo a presença de grupos indígenas do segundo tronco mais recorrente, como os Guaná, Arayó, Coroatá e principalmente os Gamella (NIMUENDAJÚ, 1937). Os Gamela de Codó, que viviam em aldeias circulares, foram extermínados em 1856 e os de Penalva, no início do século XX, embora tenham reaparecido na região de Penalva sob um processo de etnogênese (PEREIRA DE ALENCASTRE, 1857).

Em 1747 estavam no rio Mearim e, portanto, na região lacustre da Baixada Maranhense, desde Bacabal até Grajaú. No final do século XVIII, abandonam o baixo Pindaré, deslocando-se para o noroeste da Baixada, na região dos lagos, onde já estavam os jesuítas evangelizando forçadamente os grupos Guajajara, sobretudo na antiga cidade de Maracu (hoje Viana) e Monção. Em 1796, há menção de uma aldeia Gamela às margens do rio Cajari, onde estão localizadas várias estearias.

Nimuendajú (1937: 66) inclusive menciona os trabalhos de Raimundo Lopes, quem teria encontrado “vestígios de uma antiga moradia de palafitas com traços de uma cultura remanescente do vale do Amazonas”, mas não faz nenhuma associação com os grupos indígenas que viviam às margens do lago Cajari, Guajajara e Gamela. No entanto, a cultura material e formas de construir as habitações dos grupos Gê não encontram semelhanças com as produzidas pelos povos das estearias, tampouco os grupos Gê viveram em palafitas, até onde atualmente se sabe.

Nesse sentido, nosso olhar se volta novamente para a Venezuela e a região de Arauquín. Kidder II (1948) já chamava a atenção para a semelhança da série Arauquinoide com os sítios da Amazônia brasileira. A Fase Noroeste, por exemplo, que se estabeleceu a oeste do lago Valencia, na bacia do rio Maracaibo, e ao norte das terras altas andinas. Na região de Quibor, no lago Valencia, predominou uma pintura cerâmica caracterizada pelo conjunto de traços lineares formando ganchos ou espirais de cor preta, muito semelhante com a estearia do Formoso. É importante salientar que, nessa região da drenagem do lago Maracaibo, os espanhóis encontraram vários grupos de língua Arawak (Caquetí) e Karib (Quiriquire), que ocuparam a costa atlântica, especialmente a península de Paraguaná e as ilhas de Aruba e Curaçao (ORAMAS, 1916). Alguns destes povos viviam em palafitas, até o delta do Orinoco, onde europeus cunharam o nome de pequena Veneza ao país que posteriormente viria a ser chamado de Venezuela.

O colonizador espanhol Gonzalo Fernández Oviedo y Valdés, que participou das expedições de Conquista no Caribe, relatou que: “Y en toda esta laguna á la redonda del estrecho della adentro, están muchas poblaciones de pueblos pequeños y medianos de indios, quo llaman onotos y quiriguiris [Quiriquire, nota do autor], los quales viven dentro del agua sobre barbacoas [palafitas, nota do autor] é buhíos de madera altos, que debaxo dellos andan y pasan canoas” (OVIEDO y VALDÉS (1852 [1535]: 301, Parte II, Tomo I).

Os cronistas registraram que foram três as razões para viver nos lagos: evitar mosquitos, se proteger de inimigos e capturar os peixes e mariscos mais facilmente. Era difícil chegar às aldeias, que ficavam escondidas em meio aos canais com plantas aquáticas. As aldeias eram dispostas linearmente, sendo que as casas davam de frente para as outras do lado oposto, conectadas por uma ponte. Os Jirajara e os Caquetí construíam de dois a quatro agrupamentos lineares, e entre eles cultivavam plantas comestíveis com a finalidade de preencher o espaço e não ser atacados por animais perigosos. As casas eram retangulares, feitas de esteios de palmeiras, havendo também uma casa para o xamã. Parece ser que essa região do lago Maracaibo era multiétnico, onde viviam tanto povos Arawak e Karib em palafitas, assim como foi multiétnico o Alto Xingu e também parece ter sido a Baixada Maranhense.

Nesse sentido, o objetivo de apresentar os dados de aldeias circulares em uma ampla dispersão territorial na Amazônia teve como objetivo levantar hipóteses para o entendimento da aldeia do Formoso e sua porção circular. Além disso, possibilitou um distanciamento da filiação dos povos das estearias com os grupos Tupi e Gê, uma vez que nem a forma de construir as aldeias e muito menos a cultura material são semelhantes entre estes grupos.

CONCLUSÃO

Este livro apresentou os resultados da análise da cultura material da estearia do Formoso, bem como as relações destes artefatos com os núcleos residenciais e coletivos desta grande aldeia pré-colonial da Baixada Maranhense. O estudo do material cerâmico evidenciou uma tecnologia compartilhada pelos grupos humanos da Tradição Inciso-Ponteada/Arauquinoide.

Já a distribuição espacial do assentamento identificou 14 grupos de esteios divididos em dois setores, um mais oriental, com disposição linear, e outro mais ocidental, circular. Embora a cultura material seja mais ou menos uniforme entre os conjuntos, a presença de cerâmicas que evocam a transformação corporal através do xamanismo, no setor oriental, sugere este como um espaço mais ritualístico; enquanto que cerâmicas mais utilitárias e a presença de grande quantidade de lâminas de machado e material lítico no espaço circular, indica um espaço utilizado em atividades mais residenciais.

Apliques antropomorfos nos lábios e bojo dos vasos cerâmicos emulando que estes seres estão emergindo do fundo da vasilha remetem ao conceito de vasos-corpos (Gomes, 2016b) atualmente bastante discutido na Arqueologia da Amazônia e associados ao xamanismo. Estes também foram identificados na estearia do Formoso e são exclusivos do setor oriental.

Os 3218 esteios indicam uma aldeia palafítica de grandes proporções construída dentro do lago do Formoso. As datações radiocarbônicas indicaram que a maioria dos conjuntos de esteios são contemporâneos. A possível ponte de esteios que liga o conjunto 2 ao conjunto 13 indica a circulação de indivíduos entre os dois setores do assentamento. A grande quantidade de modelados zoomorfos pode indicar tanto uma captação de recursos de animais na paisagem circundante para seu consumo ou como a sua proibição, *i.e.* tabu, conforme indicou Roosevelt (1997) para a cerâmica Arauquinoide.

Em recente artigo, Navarro et al. (2021) demonstraram, a partir de dados polinísticos, que, em torno de 500 AD, os grupos humanos que se estabeleceram no Formoso modificaram de forma acentuada a paisagem local manejando a produção de coco babaçu, possivelmente utilizados como combustível para o consumo de alimentos e que foram encontrados em abundância na superfície do leito do lago do Formoso. Antes de 500 AD o coco babaçu não era predominante na região do Formoso, como atestaram os estudos polinísticos no referido artigo. A presença desses grupos no sítio foi longa, findando por volta do ano 1000 AD. São, portanto, pelo menos quatro séculos de ocupação do assentamento, que deve ter passado por reformulações arquitetônicas para a manutenção e possível substituição de esteios que poderiam se degradar ao longo do tempo.

A presença de humanos no sítio desde o ano de 500 AD coloca uma questão teórica e metodológica difícil de resolver quanto à origem da Tradição Inciso-Ponteada/Arauquinoide. Este estudo sugere que os povos desta Tradição já estavam presentes na Baixada Maranhense quando de sua suposta origem na Venezuela em data homônima. Estudos futuros poderão decantar melhor os dados no que tange a origem desta grande Tradição.

De toda forma, é necessário considerar a estearia do Formoso como uma fase da Tradição Inciso-Ponteada. Da mesma forma, será necessário investigar as possíveis relações com Santarém, este um assentamento um pouco mais tardio que as estearias. Muiraquítas foram encontradas em ambas as culturas, um deles recuperado no lago Cajari, muito próximo ao Formoso, é similar a um exemplar recuperado em Santarém (NAVARRO E PROUS, 2020).

As estearias também participaram destas redes de esfera de interação de pedras verdes características do baixo Amazonas e do Caribe (BOOMERT, 1987; NAVARRO *et al.* 2014; NAVARRO e PROUS, 2020). É provável que o Maranhão seja a fronteira geográfica mais oriental da expansão da Tradição Inciso-Ponteada/Arauquinoide.

Sítios Arauquinoídes nas Guianas e Suriname geralmente estão associados a montículos com aldeias circulares em meio a uma paisagem de campos elevados (ROSTAIN, 2010; COUTET, 2011). O Formoso possui uma sessão circular; campos elevados talvez fossem desnecessários porque os povos das estearias viveram dentro de grandes corpos d'água, de onde poderiam retirar proteína dos peixes para se alimentar. Nesse sentido, a paisagem lacustre é diferente da dos canais de campos elevados.

Talvez os montículos foram desnecessários, pois as palafitas cumpriam a função de sustentação das aldeias em meio à paisagem dos lagos. Por outro lado, casas de palafitas foram mais comuns na região de Arauquín que na costa atlântica do Suriname e Guianas, onde os campos elevados também inexistem. Povos Arauquinoídes da Venezuela podem ter construído habitações sobre palafitas nas regiões alagadas do Orinoco, estas descritas repetidamente entre os cronistas europeus à época da invasão. Assim, pode ser questão de tempo para que os arqueólogos as encontrem.

Por fim, estudos futuros poderão estabelecer as possíveis relações entre os grupos contemporâneos que habitaram a estearia do Formoso, na bacia dos rios Pindaré-Mearim, e aqueles que habitaram a bacia do Turiaçu, mais ao norte da Baixada Maranhense.

A forma da aldeia do Formoso, assim como o uso de bordas cambadas nas vasilhas cerâmicas, são exclusivos deste sítio. Formas polícromas comuns aos sítios do Turiaçu, como a cor vermelha viva do sítio Armíndio, são pouco expressivas na estearia do Formoso.

Com respeito ao tipo de relação sócio-política que estes diferentes grupos mantiveram, ainda é incipiente afirmar se era amistosa ou não. A ausência de vestígios materiais associados à guerra até o momento não indicaria uma relação amistosa entre os povos das estearias destas diferentes bacias hidrográficas.

A etnologia sul-americana nos fornece muitos exemplos de sociedades indígenas que não deixaram vestígios materiais de conflito, mas que o praticaram na forma de predação de inimigos, como os Kayapó, os Parakanã e os Yanomami (LÉVI-STRAUSS, 1976; VIVEIROS DE CASTRO, 1995; FERGUSON, 1995; FAUSTO, 2001). No entanto, algumas diferenças marcantes da cultura material entre estes sítios evidenciam que os grupos humanos que ocuparam as estearias do Pindaré-Mearim e as do Turiaçu podem não ter sido da mesma filiação linguístico-cultural.

Talvez tenha existido uma fronteira cultural entre os grupos do norte e os do sul, que puderam ser inimigos, mas que interagiram através de esferas sociais como matrimônio e comércio, cada qual respeitando suas formas de produzir os artefatos.

REFERÊNCIAS

AB'SÁBER, A. N. *Brasil: paisagens de exceção: o litoral e o pantanal matogrossense: patrimônios básicos*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.

ALBERTI, B. Archaeology and Ontologies of Scale: The Case of Miniaturization in First Millennium Northwest Argentina. In: B. Alberti, A. M. Jones & J. Pollard. (Eds.). *Archaeology After Interpretation: Returning Materials to Archaeological Theory*, p. 43-58. Walnut Creek: Left Cost Press, 2013.

ALBERTI, B.; MARSHALL, Y. *Animating Archaeology: Local Theories and Conceptually Open-Ended Methodologies*. Cambridge Archaeological Journal, 19(3): 345-357, 2009.

ALENCASTRE, Jose Martins Pereira de. Memoria chronologica, historica e corographica da Provincia de Piauhy (1855). *Revista do Instituto Historico e Geographico Brazileiro*. XX. Rio. 1857

ARAUJO, Naila A.; ALMEIDA, Oriana T. de; PINHEIRO, Claudio U. B.; HERNÁNDEZ, José L. Os mitos do lago Formoso em Penalva, Baixada Maranhense: uma estratégia de conservação que desaparece. *Revista Pós Ciências Sociais*, vol. 12, n. 24: 277-300, 2015.

BECQUELIN, P. Recherches archéologiques dans le Haut Xingu, Mato Grosso, Brésil. *Journal de la Société des Américanistes*, vol. 86, p. 9-48, 2000.

BLACK, F. L.; SALZANO, F. M.; BERMAN, L. L.; GABBAY, Y.; WEIMER, T.A.; FRANCO, M. H. L.; PANDEY, J. P. Failure of Linguistic to Predict Genetic Distances between the Waipi and Other Tribes of Lower Amazonia. *American Journal of Physical Anthropology* 60: 327-335, 1983.

BOOMERT, A. Gifts of the Amazon: green stones pendants and beads as item of ceremonial exchange in Amazonia and the Caribbean. *Antropologica*, 67, p. 33-54, 1987.

COSTA, Karina S. P.; BEZERRA, Vera Lúcia A. R.; COSTA, Hélio de O. S.; SOUSA, Cláudio J. da S. Estudo da potencialidade hídrica da Amazônia maranhense através do comportamento de vazões. In: MARTINS, Marlúcia B.; OLIVEIRA, Tadeu G. (eds.). *Amazônia maranhense: diversidade e conservação*, pp. 71-88. Belém: MPEG, 2011.

COLTHORPE, K. Eunectes notaeus Yellow Anaconda. *Animal Diversity Web*, University of Michigan Museum of Zoology, 2009.

COSTA, A.F.; HISSA, S. de B.; AZEVEDO, L. W. de; TRAMASOLI, F.; AMATUZZI, L. J. O universo cotidiano e simbólico da cerâmica das estearias: uma análise da coleção Raimundo Lopes (MN – UFRJ). *Revista de Arqueologia Brasileira*, vol. 29, n. 1, p. 161-187, 2016.1.

COUTET, Claude. La Tradición Arauquinoide de la Guyana Francesa: los complejos Barbakoeba y Thémire. In: BARRETO, Cristiana; LIMA, H. P.; BETANCOURT, C. J. (orgs.). *Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese*. Belém: IPHAN/Museu Paraense Emílio Goeldi, p. 71-85, 2016.

COUTET, Claude. *Archéologie du littoral de Guyane. Une approche technologique des techniques céramiques amérindiennes*. Sarrebruck: Editions Universitaires Européennes, 2011.

CROCKER, William H.; CROCKER, Jean G. *The Canela: Kinship, Ritual, and Sex in an Amazonian Tribe*. Case Studies in Cultural Anthropology: Georges Spindler, Series Editor. Belmont: Wadsworth, 2004.

CRUXENT, J. M.; I. ROUSE. 1958-1959. *An Archaeological Chronology of Venezuela*. 2 vols. Social Science Monograph VI. Washington, D.C.: Pan American Union.

DANIEL, João. Tesouro descoberto no Máximo Rio Amazonas: 1772 - 1776. Vols. 1 e 2. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004 [1774-1776].

D'ABEVILLE, Claude. *História da missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão*. Brasília: Senado Federal, 2008 [1616].

D'EVREAUX, Yves. Continuação da História das coisas mais memoráveis acontecidas no Maranhão nos anos 1613 e 1614. Brasília: Senado Federal, 2008 [1615].

DA MATTA, Roberto. Um mundo dividido: a estrutura social dos índios Apinayé. Vozes: Petrópolis, 1976.

DA MATTA, Roberto. *Ensaios de Antropologia Estrutural*. Petrópolis: Vozes, 1967.

DAVIS, Christopher; NAVARRO, Alexandre. Plan of prehistoric stilt village in Maranhão Brazil may resemble the Pleiades. *Journal of Archaeological Science: Reports* 51 (2023) 104-123.

FARIAS FILHO, Marcelino S. Histórico de ocupação e evolução dos aspectos humanos da microrregião da Baixada Maranhense. In: Alexandre Guida Navarro. (Org.). *A civilização lacustre e a Baixada Maranhense: da Pré-História dos campos inundáveis aos dias atuais*. 1ed. São Luís: EDUFMA, pp. 69-87, 2019.

FAUSTO, Carlos. *Inimigos fiéis: história, guerra e xamanismo na Amazônia*. São Paulo: Edusp, 2001.

FÉNELON COSTA, M. H.; MALHANO, H. B. Habitação indígena brasileira. In: RIBEIRO, D. (ed.). *Suma Etnológica Brasileira*, vol. 2. p. 27-94. Rio de Janeiro: Vozes, FINEP, 1986.

FERGUSON, R. B. *Yanomami warfare: a political history*. Santa Fe: School of Amer. Res. Press, 1995.

GELL, Alfred. *Arte e agência*. São Paulo: UBU, 2018.

GELL, Alfred. The technology of enchantment and the enchantment of technology, p. 40-63. In: COOTE, J.; SHELTON, A. (Eds.). *Anthropology and aesthetics*. Oxford: Clarendon Press.

GEERTZ, Clifford. *The interpretation of cultures*. New York: Basic Books, 1973.

GOMES, Denise M. C. G. O lugar dos grafismos e das representações na arte pré-colonial amazônica. *Mana*, vol. 22. N. 3, p. 671-703, 2016.

GOMES, Denise M. C. La comprensión de otros mundos: teoría y método para analizar imágenes amerindias. *Revista Kaypunko de Estudios Interdisciplinarios de Arte y Cultura*, 4, 69-99, 2019.

GOMES, Denise M. C. Images of transformation in the Lower Amazon and the performativity of Santarém and Konduri pottery. *Journal of Social Archaeology*, v. 22, p. 82-103, 2022.

GOMES, Denise M. C. G. O lugar dos grafismos e das representações na arte pré-colonial amazônica. *Mana*, vol. 22, n. 3, p. 671-703, 2016a.

GOMES, Denise M. C. Politics and Ritual in Large Villages in Santarém, Lower Amazon, Brazil. *Cambridge Archaeological Journal*, v. 27, p. 1-19, 2016b.

GOMES, Denise M. C. *Cerâmica arqueológica da Amazônia: vasilhas da coleção Tapajônica MAE-USP*. São Paulo: Edusp/Fapesp/Imprensa Oficial, 2002.

GUAPINDAIA, Vera Lúcia C. *Além da margem do rio: a ocupação konduri e pocó na região de porto trombetas, PA*. Tese de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 203 p., 2008.

HENARE, A.; HOLBRAAD, S. W. (Eds.). *Thinking Through Things: Theorizing Artefacts Ethnographically* (p. 1-37). London: Routledge, 2007.

HODDER, I. *Entangled: An Archaeology of the Relationships Between Humans and Things*. Londres: Wiley-Blackwell, 2012.

HODDER, I. *Symbols in Action: Ethnoarchaeological Studies of Material Culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

HECKENBERGER, M. *The ecology of power: Culture, place, and personhood in the southern Amazon, A.D. 1000-2000*. Nova York: Routledge, 2005.

HILBERT, P. P. New stratigraphic evidence of culture change on the middle Amazon (Solimões). *Akten des 34° Internationalen Amerikanistenkongresses*, pp. 471-476, 1962.

HUGH-JONES, Christine. *From the Milk River: Spatial and Temporal Processes in Northwest Amazonia*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

HUGH-JONES, Stephan. *The Palm and the Pleiades: Initiation and Cosmology in Northwest Amazonia*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

IRIARTE, J, et al. 2020. Geometry by Design: Contribution of Lidar to the Understanding of Settlement Patterns of the Mound Villages in SW Amazonia. *Journal of Computer Applications in Archaeology*, 3(1), pp. 151–169.

LAGROU, Els. Podem os grafismos ameríndios ser considerados quimeras abstratas? Uma reflexão sobre uma arte perspectivista, p. 67-109. In: SEVERI, Carlo; LA GROU, Els (Orgs.). *Quimeras em diálogo: grafismo e figuração na arte indígena*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013. LAGROU, Els. The Crystallized Memory of Artifacts: A Reflection on Agency and Alterity in Cashinahua Image-Making, p. 192-213. In: SANTOS GRANERO, Fernando (Ed.). *The Occult Life of Things. Native Amazonian Theories of Materiality and Personhood*. Tucson: The University of Arizona Press, 2009.

LAGROU, Els. O que nos diz a arte Kaxinawa sobre a relação entre identidade e alteridade? *Mana*, 8(1):29-62, 2002.

LATOUR, B. *Reassembling the Social: An Introduction to Actor-Network Theory*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

LATHRAP, Donald W. *The Upper Amazon*. New York: Praeger, 1970.

LANA, F. A.; LANA, L. G. *Antes o mundo não existia. Mitologia dos antigos Desana Kehíripôrã*. São João Batista do Rio Tiquié: UNIRT; São Gabriel da Cachoeira: FOIRN, 1995.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Guerra e comércio entre os índios da América do Sul. SCHADEN, Egon (Org.). *Leituras de Etnologia brasileira*, p. 325-339. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

LOPES, Raimundo. A civilização lacustre do Brasil. *Boletim do Museu Nacional* 1 (2), Rio de Janeiro, pp. 87-109, 1924.

LOPES, Raimundo. *Uma região Tropical*. Coleção São Luís, v. 2, Rio de Janeiro, Fon-Fon e Seleta, 1970.

MARTINS, Marlúcia B.; OLIVEIRA, Tadeu G. (eds.). *Amazônia maranhense: diversidade e conservação*. Belém: MPEG, 2011.

MATTISON, C. *The New Encyclopedia of Snakes*. Princeton: Universidade de Princeton, NJ, 2007.

MEGgers, B. J. & C. EVANS. Archeological investigations at the mouth of the Amazon. Smithsonian Institution Bulletin No 167. *Bureau of American Ethnology*. Washington DC: Smithsonian Institution Press, 1957.

MEGgers, Betty. J., EVANS, Clifford. An experimental formulation of horizon styles in the tropical forest area of South America. In: LOTHROP, S. (ed.) *Essays in Pre-Columbian Art and Archaeology*. Cambridge: Harvard University Press, p. 372-388, 1961.

MELATTI, Julio C. Índios do Brasil. São Paulo: Edusp, 2007.

NIMUENDAJU, C. Primitive Man. vol. 10, N. 3/4 (Jul. - Oct., 1937), pp. 58-71, 1937.

NIMUENDAJU, C. A habitação dos Timbira. In: *Revista Patrim. História da Arte Nacional*, Rio de Janeiro, 8: 76-101, 1944.

NIMUENDAJÚ, Curt. *The Eastern Timbira*. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1946.

MILLER, Joana. Things as Persons: Body Ornaments and Alterity among the Ma maindê (Nambikwara), p. 60-80. In: SANTOS GRANERO, Fernando. *The Occult Life of Things. Native Amazonian Theories of Materiality and Personhood*. Tucson: The University of Arizona Press, 2009.

MÜLLER, Regina P. Mensagens visuais na ornamentação corporal Xavante. In: VIDAL, L. (Org.). *Grafismo Indígena. Estudos de antropologia estética*, p. 133-142. São Paulo: Studio Nobel/ Fapesp/ Edusp, 1992.

NAVARRO, Alexandre G. Ecology as Cosmology. Animal Myths of Amazonia, p. 1-13. In: MIKKOLA, Heimo J. Ecosystem and Biodiversity of Amazonia. Helsinqui: IntechOpen, 2020.

NAVARRO, Alexandre G. Civilização lacustre do Maranhão. São Luís: EDUFMA, 2019.

NAVARRO, Alexandre Guida. Grafismos das águas: a arte das estearias do Maranhão. *TESSITURAS* V10 N1, 2022.

NAVARRO, Alexandre G. *Arte e estilo nas estearias maranhenses*. Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, v. 25, n. 1-2, p. 102-124, 2016a.

NAVARRO, Alexandre G. O complexo cerâmico das estearias, Maranhão, p. 115-124. In: BARRETO, C.; LIMA, H.; BETANCOURT, C. (Orgs.). *Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese*. Belém: IPHAN/Museu Paraense Emílio Goeldi, 2016b.

NAVARRO, Alexandre G. et al. The trees of the Water People: archaeological wa terlogged wood identification and near-infrared analysis in eastern Amazonia. *Wood Science and Technology* 55: 991–1011, 2021.

NAVARRO, Alexandre G. 2018a. New evidence for late first-millennium AD stilt-house settlements in Eastern Amazonia. *Antiquity*. v. 92, n. 366, p.1586-603.

NAVARRO, Alexandre G. 2018b. Morando no meio de rios e lagos: mapeamento e análise cerâmica de quatro estearias do Maranhão. *Revista de Arqueologia*, vol. 31, n. 1, pp.73-103.

NAVARRO, Alexandre G. As cidades lacustres do Maranhão: as estearias sob um olhar histórico e arqueológico. *Diálogos*, vol. 21, n.3, pp. 126-142, 2017.

NAVARRO, Alexandre G. O complexo cerâmico das estearias, Maranhão. In: BARRETO, Cristiana; LIMA, H. P.; BETANCOURT, C. J. (orgs.). *Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese*. Belém: IPHAN/Museu Paraense Emílio Goeldi, p. 158-169, 2016.

NAVARRO, Alexandre G. La anaconda como serpiente-canoa: mito y chamanismo en la Amazonía Oriental, Brasil. *Boletín de Antropología*, v. 36, p. 164-186, 2021.

NAVARRO, A. G.; COSTA, M. L.; SILVA, A. S. N. F.; ANGÉLICA, R. S.; RODRIGUES, S. S. & GOUVEIA NETO, J. C. O muiraquitã da estearia da Boca do Rio, Santa Helena, Maranhão: estudo arqueológico, mineralógico e simbólico. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 12(3): 869-894, 2017.

NAVARRO, Alexandre G.; PROUS, André. Os muiraquitãs das estearias do Lago Cajari depositados no Museu Nacional (RJ). *Revista de Arqueologia*, v. 33, p. 66-91, 2020.

NAVARRO, Alexandre G; ALVES DE MORAES, Caio; LIMA DA COSTA, Marcondes; NUNES DA SILVA MENESSES, Maria Ecilene; BOIADEIRO AYRES NEGRÃO, Leonardo; PÖLLMANN, Herbert; BEHLING, Hermann. Holocene coastal environmental changes inferred by multi-proxy analysis from Lago Formoso sediments in Maranhão State, northeastern Brazil. *Quaternary Science Reviews*, v. 273, p. 107234-107247, 2021a.

NAVARRO, Alexandre G.; ROOSEVELT, Anna C. New evidence of the Formative in the Amazon: A stilt village culture in Maranhão, Brazil. *Boletín Antropológico*, v. 102, p. 196-224, 2021b.

NAVARRO, Alexandre G.; SIQUEIRA NETO, Antonio C. de. *Geophysical surveys at Formoso underwater archaeological stilt village in the eastern Amazon region, Brazil*. Journal of Archaeological Science: Reports, Volume 60, 104821, 2024.

NIEMOCZYNSKI, L. 21st Century Speculative Philosophy. *Cosmos and History*, 9: 13-31, 2013.

ORAMAS, Luis R. *Apuntes sobre arqueología venezolana*. Proc. 2nd Pan Amer. Sci. Congr., Sec. 1., 1916.

OLSEN, B. After Interpretation: Remembering Archaeology. *Current Swedish Archaeology*, 20, 11-34, 2012.

OVERTON, N.; HAMILAKIS, Y. A manifesto for a social zooarchaeology. *Archaeological Dialogues*, 20: 111-36, 2013.

OVIEDO Y VALDÉS, G. F. *Historia General y Natural de las Indias, Islas y Tierras-Firme del Mar Océano*, Tomos I, II, III e IV. Madrid: La Real Academia de la Historia, (1852-1855). PESSOA, Cliverson; ZUSE, Silvana; COSTA, Anglaline F.; KIPNIS, Renato; NEVES, Eduardo G. Aldeia circular e os correlatos da ocupação indígena na margem esquerda da Cachoeira de Santo Antônio. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.*, Belém, v. 15, n. 2, e20190083, 2020.

PORRO, Antonio. *As crônicas do rio Amazonas. Notas etno-históricas sobre as antigas populações indígenas da Amazônia*. Petrópolis: Vozes, 1993.

PORRO, Antonio. *O Povo das Águas*. Manaus: EDUA, 2017.

REICHEL-DOLMATOFF, Gerardo. *Amazonian Cosmos*. Chicago: University of Chicago Press, 1971.

REICHEL-DOLMATOFF, Gerardo. *El Chamán y el jaguar. Estudio de las drogas narcóticas entre los indios de Colombia*. México: Siglo XXI, 1978.

ROE, P. *The Cosmic Zygote: Cosmology in the Amazon Basin*. Rutgers U.: New Brunswick, NJ, 1982.

ROOSEVELT, Anna. Method and theory of early farming: The Orinoco and Caribbean coasts of South America. *Earth Science Research* 6 (1):1-42, 2016.

ROOSEVELT, Anna C. *Excavations at Corozal, Venezuela: Stratigraphy and Ceramic Seriation*. Yale University Publications in Anthropology, No. 83. New Haven, 1997.

ROOSEVELT, Anna C. Early pottery in the Amazon: Twenty Years of Scholarly Obscurity. In *The Emergence of Pottery: Technology and Innovation in Ancient Societies*, edited by W. Barnett and J. Hoopes. Washington, D.C.: Smithsonian Institution. p. 115-131, 1995.

ROOSEVELT, Anna C. *Mound-builders of the Amazon: Geophysical Archaeology on Marajo Island, Brazil*. Studies in Archaeology. San Diego: Academic Press. 515 pp. Monograph, 1991.

ROOSEVELT, Anna C. *Parmaná: Prehistoric Maize and Manioc Subsistence along the Amazon and Orinoco*. Studies in Archaeology. New York: Academic Press, 1980.

ROOSEVELT, A. C. The great anaconda and woman shaman: A dangerous and powerful ancestral spirit from creation to today. In: BARONE-VISIGALI, D. (org.). *Colocataires d'Amazonie: Hommes, animaux et plantes de part et d'autre de l'Atlantique*. Paris: Parution, 2014. p. 1-20.

ROSTAIN, Stéphen. Cacicazgos guyanenses: mito o realidad? In: PEREIRA, E.; GUAPINDAIA, V. (orgs). *Arqueología Amazônica* vol. 1, pp. 169-192. Belém: MPEG, IPHAN, SECULT, 2010.

ROSTAIN, Stéphen. La cerámica de las Guyanas. BARRETO, Cristiana; LIMA, H. P.; BETANCOURT, C. J. (orgs.). *Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese*. Belém: IPHAN/Museu Paraense Emílio Goeldi, p. 55-70, 2016.

ROSTAIN, Stéphen; VEERSTEG, A. The Araquinoid tradition in the Guianas. In: DELPUECH, A.; HOFMAN, C. (eds). *Late Ceramic in the Eastern Caribbean. Paris Monographs in American Archaeology*, p. 233-250 (Bristish Archaeological Report International Series, 1273), 2004.

ROTH, W. An Inquiry into the Animism and Folklore of the Guiana Indians. *30th Annual Report of the Bureau of American Ethnology* 1908-1909, p. 103-386, 1915.

SÁ, Cristina. Observações sobre a habitação em três grupos indígenas brasileiros. In: CAIUBY NOVAES, Sylvia (Org.).1983. *Habitações Indígenas*, pp. 103-145. São Paulo: Nobel/EDUSP.

SANTOS GRANERO, Fernando (Ed.). *The Occult Life of Things. Native Amazonian Theories of Materiality and Personhood*. Tucson: The University of Arizona Press, 2009.

SANTOS-GRANERO, Fernando (Ed.). Introduction: Amerindian Constructional Views of the World, p. 1-29. In: SANTOS GRANERO, Fernando. *The Occult Life of Things. Native Amazonian Theories of Materiality and Personhood*. Tucson: The University of Arizona Press, 2009.

SEEGER, Anthony; DA MATTIA, R.; VIVEIROS DE CASTRO, E. A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. *Boletim do Museu Nacional*, Série Antropologia, 32:2-19, 1979.

SIMÕES, M. F. Índice das fases arqueológicas brasileiras, 1950-1971. *Publicações avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Belém, n. 18, 1978.

TONEY, Joshua. Cerâmica e história indígena do Alto Xingu. In: BARRETO, Cristiana; LIMA, H. P.; BETANCOURT, C. J. (orgs.). *Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese*. Belém: IPHAN/Museu Paraense Emílio Goeldi, p. 224-236, 2016.

TURNER, Terence. The social skin, p. 112-140. In: J. Cherfas & R. Lewin (Eds.) *Not work alone*. Beverly Hills: Sage.

VAN VELTHEM, Lúcia H. *O Belo é a Fera: estética da produção e da predação entre os Wayana*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.

VAN VELTHEM, Lúcia H. Das cobras e lagartas: a iconografia Wayana. In: VIDAL, L. (Org.). *Grafismo Indígena. Estudos de antropologia estética*, p. 53-66. São Paulo: Studio Nobel/ Fapesp/Edusp, 1992.

VIDAL, L. (Org.). *Grafismo Indígena. Estudos de antropologia estética*. São Paulo: Studio Nobel/ Fapesp/ Edusp, 1992.

VIDAL, L.; LOPEZ DA SILVA, A. Antropologia estética: enfoques teóricos e contribuições metodológicas. In: VIDAL, L. (Org.). *Grafismo Indígena. Estudos de antropologia estética*, p. 279-293. São Paulo: Studio Nobel/ Fapesp/Edusp, 1992.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo (Org.). *Antropologia do parentesco: estudos ameríndios*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A floresta de cristal: notas sobre a ontologia dos espíritos amazônicos. *Cadernos de Campo*, 15(14-15):319-338, 2006.

WIILEY, Gordon R. *An Introduction to American Archaeology*, vol. 2. South America. Prentice-Hall. Englewood Cliffs, N.J., 1971.

WÜST, I.; BARRETO, C. 1999. The Ring Villages of Central Brazil: a Challenge for Amazonian Archaeology. *Latin American Antiquity*, vol. 10, n. 1, p. 1-23.

ALEXANDRE GUIDA NAVARRO: é doutor em Antropologia pela Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM) e mestre em Arqueologia pela Universidade de São Paulo (USP). Possui três pós-doutorados em Arqueologia, um pela Unicamp sob supervisão do Prof. Dr. Pedro Paulo Funari; outro pela University of Illinois Chicago sob supervisão da Profa. Dra. Anna Roosevelt, com bolsa Fulbright e o último na Universidade de Paris I Panthéon-Sorbonne, com supervisão do Dr. Stéphen Rostain. É coordenador do Laboratório de Arqueologia (LARQ), professor do Programa de Pós-Graduação em História Conexões Atlânticas (PPGHIS) e do Departamento de História (DEHIS) da UFMA. É o gerente das coleções arqueológicas da UFMA e bolsista de Produtividade do CNPq.

FORMOSO:

um lago encantado

Arqueologia das estearias do
Maranhão, Amazônia Oriental

- 
- 🌐 www.atenaeditora.com.br
 - ✉️ contato@atenaeditora.com.br
 - 📷 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 - FACEBOOK www.facebook.com/atenaeditora.com.br

FORMOSO:

um lago encantado

Arqueologia das estearias do
Maranhão, Amazônia Oriental

- 
- 🌐 www.atenaeditora.com.br
 - ✉️ contato@atenaeditora.com.br
 - 📷 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 - FACEBOOK www.facebook.com/atenaeditora.com.br